

ISCTE  **IUL**
Escola de Ciências Sociais e Humanas

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**“Bons Rapazes Terminam em Último, mas Maus Rapazes Não
Terminam em Primeiro”: O Efeito da Dominância e da Pró-
socialidade na Atratividade.**

João Alexandre Rodrigues de Oliveira Antunes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
Social e das Organizações

Orientador:
Professor Doutor David Rodrigues,
Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

Setembro, 2017

Aos mais Pais e aos meus Avós, que marcaram o meu caráter pela força dos valores e me ensinaram, pelo exemplo, a importância do trabalho e do conhecimento.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer pela paciência, dedicação e disponibilidade imediata ao meu orientador, Doutor David Rodrigues, que provou, pelo menos para mim, ser um orientador de excelência estando sempre disponível a ajudar a quase qualquer hora do dia, sempre com um sorriso nos lábios. Não poderia estar mais satisfeito com a escolha que fiz e com o respeito e amizade com que sempre fui recebido pelo professor!

À minha namorada, Ema Freitas, pelo seu apoio incondicional em tudo o que faço e por continuar a ser uma das melhores pessoas com quem tive a sorte de algum dia me cruzar.

Aos meus Pais, pelos sacrifícios e investimento com que sempre me abençoaram em toda a vida e que culminam agora com o fim do meu percurso académico com o qual espero ter retribuído em satisfação e orgulho o apoio que sempre me deram.

À minha irmã, Patrícia, que mesmo fora do país continua a ser uma inspiração e um exemplo para o qual um irmão mais novo deve olhar e seguir como modelo.

Aos meus avós: Armando, Carminda, Daniel e Ilda, por terem cuidado de mim ao longo de todos estes anos, complementando o meu conhecimento académico com a sua sabedoria da “escola da vida”.

A todos o meu mais sincero Obrigado!

João Antunes

Resumo

A literatura sugere que a dominância enquanto traço de personalidade pode ser atraente para as mulheres. No entanto, estas evidências têm sido contestadas por alguns autores, ao sugerirem que a dominância é apenas atraente em interação com a pró-socialidade, dado que a dominância aparenta apenas aumentar a atratividade de homens que também demonstram ser amáveis, mas não daqueles que não demonstram tal característica. Num estudo experimental, 145 participantes do sexo feminino leram um cenário imaginado no qual um alvo – Estevão – era descrito como sendo socializadamente dominante (e.g. extrovertido, autoconfiante) ou pessoalmente dominante (e.g., agressivo, impulsivo). A metade da amostra, o alvo foi adicionalmente descrito como tendo tido um comportamento pró-social (e.g. ter sido altruísta). Os resultados demonstram um efeito da dominância socializada (vs. personalizada) na atratividade para relacionamentos de longo e curto termo. Contudo, este efeito ocorreu sobretudo quando o alvo era descrito como pró-social. Mais ainda, o efeito da dominância socializada na atratividade para relacionamentos de longo termo (mas não curto termo) ocorreu pela percepção do alvo como tendo menor probabilidade de ser sexualmente coercivo com uma mulher bem como tendo menor risco de sofrer sanções sociais como expulsão do grupo. Em nenhum dos casos estas mediações foram moderadas pela pró-socialidade. Os resultados são discutidos à luz da teoria evolutiva.

Palavras-Chave: Dominância Socializada, Dominância Personalizada, Pró-Socialidade, Atratividade

Abstract

Literature suggest that dominance as a personality trait can be attractive to women. However, evidences have been contested by some authors, who suggest that dominance is only attractive in interaction with pro-sociality, given that dominance appears to raise only the attractiveness of men who are also agreeable but not of those who do not display such trait. In an experimental study, 145 female participants read a imagined scenario in which a target – Estevão – was described as being socializedly dominant (e.g., extraverted, self-confident) or personalizedly dominant (e.g., aggressive, impulsive). To half of the sample, the target was additionally described as having had pro-social behavior (e.g. behaved altruistically). Results show an effect of socialized dominance (vs personalized) in attraction for long and short term relationships. However, this effect occurred mostly when the target as described as pro-social. Furthermore, the effect of socialized dominance in attraction for long term relationships (but not short term relationships) occurred because the target was perceived as being less at risk of being sexually coercive towards a woman and as being at less risk of being expelled from the group. In neither case these mediations were mediated by pro-sociality. Results are discussed in light of evolutionary theory.

Keywords: Socialized Dominance, Personalized Dominance, Pro-Sociality, Attractiveness

Índice

| | |
|--|-----|
| Resumo | iii |
| Abstract..... | iv |
| CAPÍTULO I - Introdução | 1 |
| 1.1. Tema e Objetivo..... | 1 |
| 1.2. O que é a Psicologia Evolutiva? | 2 |
| 1.3. Psicologia Evolutiva e Seleção de Parceiros | 3 |
| 1.4. O que é a Dominância? | 6 |
| 1.5. Seleção de Parceiros e Dominância | 8 |
| 1.6. Benefícios da Dominância | 11 |
| 1.7. Custos da Dominância | 13 |
| 1.8. O Presente Estudo | 16 |
| CAPÍTULO II - Método | 17 |
| 2.1. Participantes e Delineamento..... | 17 |
| 2.2. Materiais | 17 |
| 2.3 Procedimentos e Medidas | 18 |
| CAPÍTULO III - Resultados..... | 20 |
| 3.1. Análises Preliminares..... | 20 |
| 3.2. Verificação da Manipulação | 21 |
| 3.3. Impacto da Dominância e Altruísmo na Atratividade | 22 |
| 3.4 Impacto da percepção dos riscos de coerção sexual na Atratividade | 24 |
| 3.5. Impacto da percepção do risco de expulsão do grupo na Atratividade..... | 25 |
| CAPÍTULO IV - Discussão..... | 27 |
| 4.1. Dominância Socializada e Dominância Personalizada | 27 |
| 4.2. A pró-socialidade no efeito da dominância na Atratividade..... | 29 |
| 4.3. Impacto do Risco de Coerção Sexual e do Risco de Expulsão do Grupo..... | 30 |
| 4.4. Limitações e direções para pesquisa futura | 32 |
| CAPÍTULO V - Conclusão | 34 |
| Bibliografia..... | 35 |
| ANEXOS | 45 |
| Anexo A) Cenário de Dominância Personalizada sem Pró-Socialidade | 46 |
| Anexo B) Dominância Socializada sem Pró-Socialidade | 47 |
| Anexo C) Dominância Personalizada com Pró-Socialidade..... | 48 |
| Anexo D) Dominância Socializada com Pró-Socialidade | 49 |

Índice de Figuras

Figura 2. – Gráfico de representação das médias da interação entre os fatores dominância e altruísmo para relacionamentos de longo termo. 23

Figura 2.1 - Gráfico de representação das médias da interação entre os fatores dominância e altruísmo para relacionamentos de curto termo. 24

Índice de Quadros

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Tabela de Dominância Social, Dominância Física e Dominância Financeira | 8 |
| Quadro 2. – Tabela de Correlações entre Variáveis | 20 |
| Quadro 2.1 – Tabela com Estatísticas Descritivas Ajustadas em Função das Condições experimentais na Atratividade para Diferentes Tipos de Relacionamento | 22 |

CAPÍTULO I - Introdução

1.1. Tema e Objetivo

Freud terá dito “A grande questão a que nunca foi respondida, e para a qual ainda não encontrei resposta, apesar de 30 anos de pesquisa da alma feminina é: ‘O que as mulheres querem?’” (Jones, 1953; p. 421).

O presente estudo tem como objetivo contribuir para o estudo da seleção de parceiros por parte das mulheres. Em particular, será analisado como diferentes comportamentos pró-sociais (e.g. Altruísmo, Dominância Socializada) e antissociais (e.g. Dominância Personalizada) são relevantes no contexto de seleção de parceiros para diferentes tipos de relacionamentos. Serão também analisados os mecanismos que poderão ajudar a compreender estes efeitos, tendo por base a Psicologia Evolutiva. Este ramo da Psicologia é relativamente recente e baseia-se na teoria de evolução de Darwin para estudar o comportamento como produto de mecanismos psicológicos que evoluíram ao longo de milhares de anos da história da espécie (Confere et al., 2010). No entanto, continua a ser uma área relativamente ignorada dado que de um modo geral em Psicologia tende a privilegiar-se explicações ambientais, como os processos de aprendizagem, de aculturação ou de socialização, e esquecem-se um pouco do que é inato (Pinker, 2002).

O debate sobre a influência da natureza e do ambiente no comportamento humano é já antigo. Pelo menos desde a antiguidade que Platão (adepto da natureza) e Aristóteles (adepto do ambiente) se debruçavam sobre este tema que, entretanto, passou por Locke e Leibniz durante a época do Iluminismo e estendeu-se aos dias de hoje (Cowie, 1999). Recentemente, uma meta-análise de mais de 2,000 estudos e 50 anos de pesquisa científica indicou que as pessoas são 51% determinadas por fatores ambientais e 49% por fatores genéticos (Polderman et al. 2015). O mesmo estudo concluiu que até à data não foi encontrado um único traço psicológico que não seja influenciado em parte pela genética nem nenhum que seja somente influenciado pelos genes, incluindo traços como a religiosidade ou as crenças políticas.

Como tal, torna-se importante incorporar explicações biológicas na Psicologia de forma a encontrar um meio termo entre as explicações (ambientais) tradicionalmente propostas pela Psicologia e as explicações (biológicas) propostas pela Psicologia Evolutiva. Acima de tudo, é necessário compreender como ambas as explicações se complementam.

Em suma, esta tese procurará respostas para quais são as preferências das mulheres na escolha de parceiros com particular ênfase na Psicologia Evolutiva e em contribuições da

Biologia Evolutiva e da Antropologia Biológica, de forma a trazer explicações mais biológicas para a pesquisa científica em Psicologia com o fim de encontrar um meio termo com as já típicas explicações ambientais em que a Psicologia se baseia.

1.2. O que é a Psicologia Evolutiva?

Desde que Charles Darwin (1859) propôs a Teoria da Evolução que a ciência assistiu a uma profunda revolução sobre as origens do ser humano. Darwin postulou que se um conjunto de traços poderia ser herdado por um indivíduo através dos seus pais, então aqueles traços que auxiliassem o indivíduo a sobreviver ou a reproduzir-se seriam transmitidos a gerações vindouras com maior frequência que traços alternativos (Confer et. al, 2010). Por sua vez, traços menos benéficos seriam transmitidos com menor frequência e, por isso, tenderiam a tornar-se raros, ou mesmo a extinguirem-se, numa população. Esta ideia, que ficou conhecida como Seleção Natural, aplica-se tanto em traços físicos como psicológicos (Alcock, 2005; Buss, 2005). Assim, os mais variados comportamentos ou estados mentais humanos são resultantes da hereditariedade ao longo de várias gerações. Aos traços que terão evoluído por apresentarem vantagens para a sobrevivência ou reprodução de um organismo, em comparação com traços alternativos, chama-se “adaptação”. A tentativa de mapear estes traços psicológicos fruto da evolução da espécie é o foco da Psicologia Evolutiva. Segundo Buss e Schmitt (2011), a “Psicologia Evolutiva é uma disciplina híbrida que retira conhecimentos da teoria evolutiva moderna, biologia, psicologia cognitiva, antropologia, economia, ciência da computação e paleoarqueologia” (p. 1) Ao longo dos anos, a psicologia evolutiva tem oferecido contributos nas mais diversas áreas como moralidade (Haidt & Joseph, 2004); política (Geher et al. 2015); psicologia da personalidade (Buss, 1991); psicologia clínica (Illardi et. al, 2007); Marketing (Saad, 2007); diferenças de género (Davis & Schackelford, 2006), direito (Jones, 1997); economia (Capra & Rubin, 2011) entre outros. Tais contributos levaram Confer e colegas (2010) a concluir que a Psicologia Evolutiva passou de uma teoria relativamente desconhecida desde meados dos anos 80 para uma teoria que ocupa um lugar central na ciência psicológica.

Mas de todos os contributos oferecidos pela Psicologia Evolutiva, talvez o que se destaque mais seja o estudo das preferências de seleção de parceiros. Estas podem ser definidas como propriedades comportamentais e sensoriais que levam uma pessoa a querer ter sexo com um indivíduo com base nas suas características observáveis (Jennions & Petrie, 1997).

1.3. Psicologia Evolutiva e Seleção de Parceiros

Um das principais teorias explicativas para este fenómeno é a teoria das estratégias sexuais (Buss & Schmitt, 1993). Esta teoria tem por base a teoria do investimento parental (Trivers, 1972), segundo a qual o sexo que acarreta com maiores cuidados parentais nas mais variadas espécies animais – tipicamente a fêmea, mas não sempre – evolui para ser mais discriminatório na escolha de parceiros. O sexo que despende menos ou nenhuns cuidados parentais – tipicamente o macho, mas não sempre – tende a procurar mais relacionamentos sexuais de curto termo. Tende também a ser menos seletivo na obtenção de parceiros e mais competitivo com membros da espécie do mesmo sexo por acesso a potenciais parceiros sexuais.

No caso dos seres humanos, são as mulheres que fazem a gestação do feto durante 9 meses, algo que requer uma nutrição que permita a acumulação de reservas de gordura para uma lactação eficaz (Kaplan, 1996), assim como garantir a maior parte dos cuidados parentais até que a criança consiga sobreviver e se organizar sozinha, algo que tipicamente demora pelo menos 4 anos em sociedades tribais (Shostak, 1981). Como tal durante este período a mulher está particularmente dependente do investimento masculino ao nível de recursos. Por exemplo, na tribo dos Aché e dos Hiwi, as mulheres em lactação despendem muito menos tempo a apanhar fruta por investirem a maior parte do tempo a cuidar do seu filho (Hurtado et. al, 1992). Posto isto, é geralmente aceite pelos psicólogos evolutivos que no caso dos seres humanos também existe uma assimetria de investimento parental, com as mulheres a ter um maior investimento parental e mais dependentes de algum auxílio e investimento parental masculino (Buss, 1989). Com base nestes pressupostos, Buss e Schmitt (1993) sugeriram a existência de diferenças de género em diversas preferências na seleção de parceiros. Segundo os autores, ao longo da história evolutiva dos seres humanos a mulher teve de ser mais discriminatória na escolha do parceiro, dado que uma escolha errada (e.g., selecionar um parceiro que não estaria disposto a despende algum investimento parental) poderia significar uma menor probabilidade da sua descendência sobreviver. Numa série de estudo experimentais, os autores demonstraram que as mulheres, tendem a valorizar em parceiros para relacionamentos de longo termo o estatuto social, grau académico, capacidade para obter rendimentos financeiros, ambição e capacidade de trabalho. Tal aconteceria porque estes atributos tendem a ser bons indicadores da capacidade de obtenção de recursos. Os autores também demonstram que as mulheres tendem a preferir e a casar com homens mais velhos, com uma média de 3 anos de diferença, presumivelmente porque homens mais velhos terão um estatuto socioeconómico mais elevado,

O Efeito da Dominância e da Pró-Socialidade na Atratividade

bem como maior maturidade e experiência de vida, o que poderia estar associado a maior capacidade de prover cuidados parentais (Buss & Schmitt, 1993; Buss, 1989). No caso dos homens, a preferência tende a recair na atratividade física das mulheres, dado esta estar evolutivamente associada a melhor saúde, juventude e fertilidade. Por exemplo, mulheres com caras mais atraentes, conforme avaliadas por um grupo de homens, estão correlacionadas com melhor saúde (e.g. menor risco de doença cardíaca) (Schackelford & Larsen, 1999). Num outro exemplo, mulheres com corpos considerados mais atraentes (e.g. um baixo rácio cintura-ancas), são também percebidas como tendo menor risco de contrair doenças, e maior fertilidade e jovialidade, consoante avaliado por observadores externos do sexo masculino (Singh, 2004; Jesińska et al., 2006; Singh et. al, 2010). As mulheres consideradas fisicamente atraentes também tendem a ter um menor risco de mortalidade (Kim, 2014). Os homens também aparentam preferir parceiras mais jovens, tendendo a preferir mulheres em média 2,3 anos mais novas (Buss, 1989; Scharwz & Hassebrauck, 2012). Estas diferenças de género na escolha de parceiros parecem ser transversais a diferentes culturas, etnias, nível de educação, religiosidade, faixas etárias e contexto económico e político, sugerindo assim que tal não tem por base processos de socialização específicos (Buss, 1989; Schackelford, Schmitt & Buss, 2005; Li, Valentine & Patel, 2011; Scharwz & Hassebrauck, 2012; Singh et. al, 2010; Grøntvedt & Kennair, 2013; Antfolk et. al, 2015).

Contudo, em contexto de relacionamentos de curto termo (e.g., relação sexual descomprometida) tanto as mulheres como os homens tendem a valorizar a atratividade física (Hald & Høgh-Olesen, 2010; Li, 2007; Li & Kenrick, 2006;). Apesar do investimento parental ser maior na mulher, poderia ainda assim haver vantagens para a mulher ancestral em ter este tipo de relacionamentos. Desde que o benefício do comportamento fosse maior que o custo associado, um relacionamento de curto termo com um parceiro fisicamente atraente, poderia indicar melhores genes e melhor saúde para a descendência (Hald & Høgh-Olesen, 2010; Simpson & Gangstead, 2003). Tal como nas mulheres, a atratividade física nos homens é um indicador de maior saúde e fertilidade (Braun & Bryan, 2006; Maisey et. al, 1999; Puts, Jones, & DeBruine, 2012). Num estudo sobre importância dada pelas mulheres em diferentes tipos de parceiros, Li (2007) apresentou vários atributos e pediu às participantes para alocarem um orçamento imaginário ("*mate dollars*") aos atributos que considerassem mais desejáveis em parceiros para um relacionamento de longo e de curto termo. Os resultados mostraram que as participantes gastaram cerca de 21,4% do orçamento na compra de atratividade física para um parceiro de longo termo. Contudo, alocaram 50,7% desse mesmo orçamento na compra de atratividade física num parceiro de curto termo. Tal deixa patente a prioridade feminina em

O Efeito da Dominância e da Pró-Socialidade na Atratividade

parceiros de curto termo. Ainda assim, importa referir que também no contexto de relacionamentos de curto termo existem algumas diferenças entre homens e mulheres. Buss e Schmitt (1993) demonstraram que os homens tendem a ter mais desejo por relações sexuais descomprometidas; têm desejo por um maior número de parceiros sexuais ao longo da vida; estão mais predispostos a ter uma relação sexual com alguém que conhecem há pouco tempo; e têm menor seletividade de parceiras sexuais. Os psicólogos evolutivos sugerem que estas assimetrias ocorrem devido às diferenças expectáveis no investimento parental e sucesso reprodutivo que ambos os sexos acarretam: em teoria um homem pode ter múltiplos descendentes no espaço de um ano se tiver múltiplas parceiras sexuais, enquanto que uma mulher no espaço de um ano terá somente um descendente independentemente do número de parceiros sexuais que tenha. Em resultado disto os homens terão evoluído desejos e atitudes diferentes ao longo da história da espécie (Buss & Schmitt, 1993; Trivers, 1972).

Em suma, apesar de homens e mulheres procurarem relacionamentos de curto e longo termo, ambos diferem na frequência com que os procuram e ambos dão prioridade a características diferentes, pelo menos em relacionamentos de longo termo. Mas para além de beleza física e do estatuto social, outra característica que os homens e as mulheres tendem a diferir é na atração pela dominância enquanto traço de personalidade. A literatura sugere que as mulheres preferem homens dominantes, em particular para relacionamentos de curto termo (Gangestad et. Al, 2004; Sadalla, Kenrick & Vershure, 1987; Maner, DeWall, & Galliot, 2008). Tal parece ocorrer porque a dominância (enquanto traço de personalidade) está associada a benefícios evolutivos como melhores genes ou estatuto social mais elevado (Maner & Case, 2016; Gangestad et al., 2004). Pelo contrário, os homens tendem a manter-se neutros quanto à preferência por mulheres dominantes, ou preferem mesmo mulheres menos dominantes. Num estudo recente, Wu et. al (2016) verificaram que mulheres com uma variante do gene associado à submissão e à sensibilidade social têm mais sucesso num evento de *speed-dating*. Homens com uma variante do gene associado à liderança e à dominância social também registaram maior sucesso no mesmo evento. Dada esta diferença de sexo relativamente à dominância, o presente estudo irá focar-se mais especificamente na preferência das mulheres em relação a este atributo.

1.4. O que é a Dominância?

Apesar do conceito de dominância estar muito presente na literatura não há muito consenso sobre a sua definição (Snyder, Kirkpatrick, & Barret, 2008; Bryan, Webster, & Mahaffey, 2011). Por exemplo, Hill (1945) define dominância enquanto auto-confiança, assertividade ou ter opinião própria. Já Lukaszewsky e Roney (2009) definem dominância como uma compósita que inclui traços de personalidade tais como agressividade, bravura, competitividade ou dureza. Diferentes autores consideram que a dominância incluiu traços como impositivo, autoritário, competente, extrovertido, ativo, assertivo, falador, verbal, ousado, agressivo, arrogante, corajoso, competitivo, poderoso, forte, líder, duro, que toma o comando, masculino, autoconfiante e que busca estatuto e estima por parte dos pares (Sadalla, Vershure & Kenrick, 1987; Jensen-Campbell, Graziano & West, 1995; Lukaszewski & Roney, 2010; Johnson, Leedom & Muthadie, 2012; Gough & Bradley, 2005; Lilienfeld et al., 2012). Esta diversidade de definições reflete-se também nas operacionalizações do conceito. Por exemplo, Jensen-Campbell, Graziano e West (1995) manipulam dominância utilizando posturas corporais (e.g., sentar com pernas cruzadas e ligeiramente encostado para trás), enquanto que Maner, DeWall e Galliot (2008) operacionalizam dominância como a aparentar ter um estatuto socioeconómico mais elevado e Bryan, Webster e Mahaffey (2011) operacionalizaram a dominância enquanto um porte físico atlético. Para além de um traço de personalidade ou atributos/posturas físicas, Maner e Case (2016) operacionalizam a dominância como uma estratégia de alcance de poder em que a pessoa exige ou força que os seus pares o sigam (em oposição a conferir-lhes liberdade de escolha). Nesta perspetiva, a dominância parece estar intimamente ligada à coerção, à intimidação, à manipulação da recompensa e do castigo, ao narcisismo e à arrogância; Outra perspetiva é a de Hawley (1999) que sugeriu que dominância social é a capacidade de um indivíduo controlar recursos seja através da uma estratégia de coerção (e.g. competição, coação, manipulação, agressão) seja através de uma estratégia da pró-socialidade (e.g. cooperação, negociação); Também Whitting e Edwards (1973) tinham previamente sugerido que a dominância é a capacidade de um indivíduo influenciar o comportamento alheio com a intenção de satisfazer os próprios objetivos egoístas (dominância egoísta) ou com a intenção de satisfazer os objetivos da comunidade (dominância pró-social).

Analisando todas as perspetivas existentes, podemos distinguir desde logo dois tipos de dominância com base na desejabilidade social. Por um lado, traços de personalidade como a extroversão, a coragem ou a autoconfiança são mais socialmente desejáveis do que a

O Efeito da Dominância e da Pró-Socialidade na Atratividade

agressividade, o autoritarismo e a imposição já que estes últimos traços tendem a não respeitar necessidades intrínsecas dos outros. Por outro lado, parecem também existir diferenças ao nível da prototipicalidade nas várias conceções de dominância. O conceito de prototipicalidade refere-se ao grau com que determinados atributos são mais centrais ou periféricos para uma determinada categoria (Buss & Craik, 1980, citando Rosh & Mervis, 1975). Por exemplo, a categoria “pássaro” tem como protótipos “corvo” e “pinguim”. No entanto, o corvo é um animal mais representativo e imediatamente associado à categoria dos pássaros (e.g., mais central) do que o pinguim (e.g., mais periférico). Também ao nível da dominância pode-se considerar a existência de determinados traços mais prototípicos. De fato, Buss e Craik (1980) propuseram uma lista de 100 possíveis atos de dominância feita com base nas sugestões de uma amostra de participantes, que ordenaram os 100 possíveis atos consoante a prototipicalidade e desejabilidade social dos mesmos. Atos considerados mais prototípicos de dominância foram, por exemplo, “Ele/a deu ordens para que o grupo se organizasse”, “Ele/a tomou a liderança das coisas durante a reunião do comité” ou “Ele/a disse-lhe para que saísse do telefone para que ele/a o pudesse usar”. Tais atos estão associados a traços como “impositivo”, “agressivo” ou “líder”. Em contraste, outros atos como “Ele/a tomou as rédeas para animar uma festa aborrecida”, “Ele/a falou muito no encontro” ou “Ele/a contou uma longa história para entreter os outros” foram atos considerados menos prototípicos de dominância. Tais atos estão associados a “extroversão” e “falador” (Buss & Craik, 1980; Buss, 1981).

Com base nesta revisão, sugerem-se dois tipos de dominância: a dominância personalizada e a dominância socializada. A dominância personalizada é uma compósita de traços de personalidade socialmente indesejados e mais prototípicos. Está sobretudo associada à ideia de dominância como manipulação, coerção, agressividade, autoritarismo, impulsividade, narcisismo ou imposição. O que define um indivíduo pessoalmente dominante é a motivação para atingir objetivos individuais de forma egoísta, sem ter em consideração as necessidades físicas, emocionais e sociais dos pares. Uma pessoa pessoalmente dominante também pode sacrificar os objetivos do grupo em função dos seus próprios objetivos. Por exemplo, um indivíduo pessoalmente dominante pode ostracizar membros talentosos de uma equipa de trabalho, por considerá-los uma ameaça à sua autoridade, e denegrir os objetivos grupais (Maner & Mead, 2010). Em contraste, a dominância socializada é uma compósita de traços de personalidade socialmente desejáveis e menos prototípicos. Uma exceção à prototipicalidade é o traço “liderança”, considerado altamente prototípico de dominância, mas ao mesmo tempo socialmente desejado. A dominância socializada inclui traços como persuasão, coragem, assertividade, liderança, extroversão ou

autoconfiança. O que define um indivíduo socializadamente dominante é a motivação para atingir os seus objetivos, ou os do grupo, tendo em consideração as necessidades físicas, emocionais e sociais dos pares. O quadro 1 faz uma síntese de todos os tipos de dominância previamente identificados na literatura, e distingue claramente os tipos de traços associados à dominância personalizada e à dominância socializada

Quadro 1

Tabela de Dominância Social, Dominância Física e Dominância Financeira

| Dominância Social | | Outros tipos de dominância | |
|--|---|---|---|
| Dominância Personalizada | Dominância Socializada | Dominância Física | Dominância Financeira |
| <ul style="list-style-type: none"> • Agressivo; • Impulsivo; • Autoritário; • Duro; • Narcisista; • Coercivo; • Impositivo; • Manipulador; | <ul style="list-style-type: none"> • Assertivo • Extrovertido • Líder • Forte • Autoconfiante • Persuasivo • Competitivo • Charmoso • Competente | <ul style="list-style-type: none"> • Altura; • Masculinidade corporal; • Masculinidade Facial; | <ul style="list-style-type: none"> • Estatuto Socioeconómico; • Aparência (e.g. Vestuário Corporativo); |

1.5. Seleção de Parceiros e Dominância

De um modo geral, parece que várias características físicas e comportamentais associadas à dominância são percebidas pelas mulheres como atraentes nos homens. Por exemplo, ao nível físico, homens com vozes com uma frequência mais baixa (e.g. vozes mais graves), e com faces e corpos mais masculinos (e.g. mandíbulas angulares; ombros largos face à cintura ou altura física) são percebidos como mais masculinos e dominantes, e são considerados mais atraentes pelas mulheres (Collins, 2000; Feinberg et. al, 2005; Hodges-Simeon et. al, 2010; Puts, Hodges, Cardénas, & Gaulin, 2007; De Bruine et. al, 2006; Johnston et. al, 2001; Jones et. Al, 2010; Watkins, Fraccaro, et. Al, 2010; Watkins, Jones, & DeBruine, 2010; Stulp, Buunk, Verhulst & Pollet et. al, 2015; Stulp & Barret, 2014; Braun & Bryan, 2006; Maisey et. al, 1999).

Tal como ao nível físico, também ao nível comportamental a dominância, tanto socializada como personalizada, tende a ser uma característica considerada atraente pelo sexo

feminino, mas não necessariamente pelo sexo masculino. Posturas corporais mais dominantes (e.g. postura corporal aberta e gesticulação) tendem a ser consideradas mais atraentes do que posturas corporais mais submissas (e.g. postura fechada) (Ahmetoglu & Swami, 2012; Vacharkulksemsuk et. al, 2016). Numa série de experiências, Sadalla, Kenrich e Vershure (1987) mostraram vídeos de alvos de ambos os sexos com comportamento não-verbal de alta (vs. baixa) dominância juntamente com descrições de personalidades de elevada (vs. baixa) dominância. Os autores verificaram que as mulheres perceberam os alvos masculinos mais dominantes como mais física e sexualmente atraentes. Para alvos femininos, maiores níveis de dominância não tiveram qualquer efeito na sua atratividade sexual nem na atratividade física. De igual modo, Gangestad e colegas (2004) demonstraram que as mulheres sentem maior atração para relacionamentos de curto termo por homens com características como presença social (e.g. compostura, elevado nível de contacto visual, aparência atlética) e competitividade para com os outros homens (e.g. competição intra-sexual direta). Lukaszewski e Roney (2009) também demonstraram que as mulheres se sentem mais atraídas sexualmente por homens que possuem uma compósita de traços de personalidade que engloba agressividade, assertividade, bravura, competitividade, frontalidade, liderança, masculinidade, poder, força, dureza e capacidade para tomar controlo. Burger e Cosby (1999) sugerem que a assertividade e a autoconfiança são duas das características mais desejadas para encontros românticos por mulheres enquanto que Jauk e colegas (2016) verificaram que a extroversão leva a maior sucesso em encontros de *speed dating* para os participantes do sexo masculino. No geral, tanto a dominância socializada como a dominância personalizada aparentam ser consideradas atraentes pelo sexo feminino.

Neste contexto, o que a literatura refere como “tríade negra” é particularmente importante para compreender a atratividade da dominância personalizada. Tríade negra diz respeito a três constelações distintas de traços de personalidade: maquiavelismo, psicopatia (subclínica) e narcisismo (subclínico). Pessoas com elevados níveis de tríade negra apresentam um estilo de interação social de auto-benefício e a instrumentalização dos outros com o fim de alcançar um objetivo pessoal, mesmo à custa de terceiros. Estes três construtos são distintos, mas podem sobrepor-se entre si (Paulhus & Williams, 2002). Os indivíduos maquiavélicos são frios e altamente manipuladores (Christie & Geis, 1970), os indivíduos narcísicos consideram-se superiores aos outros e buscam admiração por parte dos pares (Raskin & Terry, 1998) e os indivíduos psicopatas caracterizam-se por comportamento antissocial, charme superficial, tendências agressivas, falta de empatia para com os outros e forte tendência para correr riscos (Mealey, 1995; Hosker-Field, Molnar, & Book, 2016). Esta constelação de traços está

tipicamente associada a uma maior procura de poder, controlo e estatuto, ou seja, desejos de domínio sobre os pares (Jonasson & Ferrell, 2016; Jonasson, Li, & Wee, 2015). Pessoas com elevada tríade negra procuram atingir essa dominância através de posturas agressivas e autoritárias e privilegiam uma estratégia de autoavanço impiedoso (e.g. fazer o que quer que seja preciso para ficar por cima) (Semenya & Honey, 2015). Relacionado com isto, a investigação demonstrou que indivíduos tríade negra não só tendem a ter mais parceiros sexuais (Jonasson et. al, 2009), mas também são considerados mais atraentes para relacionamentos de curto termo (Jonasson, Lyons, & Blachard, 2015).

Contudo, a ideia de que traços de tríade negra (e a dominância análoga aos mesmos) podem ser vistos como sexualmente atraentes é questionável. Jensen-Campbell, Graziano & West (1995) teorizaram que um comportamento tipicamente dominante só seria sexualmente atraente se também existisse uma tendência para comportamentos de maior pró-socialidade (e.g. se um homem dominante também fosse capaz de ser bondoso ou altruísta). Estes autores partem do pressuposto de que a dominância é sexualmente atraente em parte porque em vários outros primatas um indivíduo com um carácter mais combativo e assertivo consegue obter mais recursos (Sadalla, Kenrick, & Vershure, 1987). Por exemplo, os babuínos mais agressivos geralmente conseguem vencer competidores na luta por alimentos (Sapolsky & Else, 1987). No entanto, estes indivíduos devem ser somente seleccionados se também demonstrarem vontade de partilhar esses mesmos recursos com possíveis parceiras num relacionamento de longo termo. Com base em três estudos, Jensen-Campbell e colegas (1995) concluíram que, no caso de alvos masculinos, dominância (e.g. linguagem corporal mais dominante) interage com a orientação pró-social (e.g. maior altruísmo, amabilidade) para aumentar as percepções de atratividade física, atratividade sexual e desejo para um encontro. Exceto num dos estudos, os autores não encontraram evidências de que dominância, por si só, aumentaria as percepções de atratividade física, atratividade sexual ou desejo para um encontro.

Num outro estudo, Lukaszewski e Roney (2010) demonstraram que as mulheres tendiam a preferir parceiros que direccionavam comportamento altamente dominante para os outros homens, mas que também demonstrassem níveis moderados de amabilidade (operacionalizada em traços como consideração, afeto, gentileza, sensibilidade, bondade) e confiabilidade (operacionalizada em traços como comprometimento, devoção, honestidade, lealdade, sinceridade) para com os mesmos. De igual forma, as mulheres preferiam que os seus parceiros dirigissem níveis elevados de amabilidade e confiabilidade e níveis moderados de dominância para elas mesmas. Os autores interpretam estes resultados como o desejo da mulher de seleccionar um parceiro que em tempos ancestrais fosse capaz de competir com os outros homens

por recursos, mas que ao mesmo tempo fosse minimamente amável e confiável com os mesmos para conseguir manter aliados.

Então, de uma maneira geral, a dominância parece ser somente atraente em interação com demonstrações de pró-socialidade. Como tal parece que existe uma inconsistência na literatura dado que, enquanto alguns estudos indicam que existe um efeito da dominância na atratividade e outros indicam que esse efeito só existe em interação com a pró-socialidade. Adicionalmente, nenhum estudo distingue entre dominância personalizada e socializada. Por exemplo, Jensen-Campbell e colegas (1995) definiram dominância como incluindo traços como ativo, assertivo, frontal, falador e verbal e uma linguagem corporal relaxada (Snyder, Kirkpatrick, & Barret, 2008). Lukaszewski e Roney (2010) definiram dominância como incluindo agressividade, assertividade, frontalidade, bravura, competitividade, liderança, poder, força, entre outros. Ambas as definições incluem traços que se poderiam considerar de dominância personalizada e de dominância socializada (e.g. agressivo vs falador). Torna-se por isso importante em primeiro lugar perceber se há diferenças do efeito de dominância socializada e dominância personalizada na atratividade. Em segundo lugar, dado que tanto o estudo de Jensen-Campbell e colegas (1995) e Roney e Lukaszewski (2010) demonstraram que as mulheres preferem um homem que consiga ser dominante e simultaneamente amável, é igualmente importante perceber como é que a pró-socialidade de um homem (e.g. amabilidade ou altruísmo) podem afetar a atratividade em interação com a dominância personalizada ou socializada. Em terceiro lugar, se de facto há diferenças no efeito sobre a atratividade entre a dominância socializada e a dominância personalizada, é preciso perceber o porquê. Ou seja, por que é que a dominância é atraente? Em particular, por que é que a dominância socializada ou a dominância personalizada poderiam ser atraentes para as mulheres?

1.6. Benefícios da Dominância

Folstad e Karter (1992), apoiados numa série de evidências empíricas relativas a várias espécies, sugerem que a testosterona enfraquece o sistema imunitário dos machos, sendo que apenas os machos mais saudáveis conseguem suportar níveis mais altos desta hormona nociva. Assim, o fato de um homem ter níveis elevados de testosterona significa que possui um sistema imunitário forte o suficiente para suportar os custos para a saúde que a testosterona pode trazer e por isso é mais saudável e sexualmente atraente. Consistentemente, evidências demonstram que faces, vozes e corpos indicativos de maiores níveis de testosterona (e.g. mais masculinos) são considerados mais sexualmente atraentes pelas mulheres (Braun & Bryan, 2006; Maisey et. al, 1999; Puts, Jones, & DeBruine, 2012). Elevados níveis de testosterona têm sido também

O Efeito da Dominância e da Pró-Socialidade na Atratividade

associados a maiores níveis de dominância personalizada e socializada (e.g. Agressividade, liderança, competição, extroversão, etc...) particularmente quando em interação com níveis baixos de cortisol (Archer, Graham, & Lowe, 2005; Mehta & Josephs, 2010; Smeets-Jansen et. al, 2015). Por exemplo, Mehta e Josephs (2010) sugerem que indivíduos com elevada testosterona e baixo cortisol são descritos como mais enérgicos, confiantes, eloquentes, diretivos, assertivos, masculinos ou fortes numa situação de liderança, e têm mais desejo em entrar em competições. Por isso diversos autores sugerem que níveis elevados de masculinidade estão associados a uma melhor saúde (Gangestad et. al, 2010; Rantala et. al, 2012; Rhodes et. al, 2003; Thornhill & Gangestad, 2006). Assim, conclui-se que comportamento tipicamente dominante está associado a “bons genes” no caso dos homens (e.g. organismo mais saudável).

Outro possível benefício da dominância é o estatuto social. A dominância personalizada está associada ao estatuto social de várias formas: A agressividade (física e relacional) encontra-se correlacionada positivamente com percepções de popularidade e poder, estando ao mesmo tempo correlacionada negativamente com percepções de apreciação social (Vallincourt & Hymmel, 2006). Diversos estudos têm demonstrado que nas organizações contemporâneas os líderes escolhidos são muitas vezes narcísicos e têm excesso de confiança em si mesmos, possivelmente porque se fazem passar como persuasivos, charmosos e sociáveis ao início (von Rueden & van Vugt, 2015). Spurr, Keller e Hirschi (2016) verificaram que, dentro dos traços de tríade negra, o narcisismo está associado a um maior salário e o maquiavelismo está positivamente correlacionado com posições de liderança mais altas. Cheng e colegas (2013) descobriram que no contexto de uma tarefa de grupo colaborativa feita em laboratório, os indivíduos mais pessoalmente dominantes (e.g. mais controladores e agressivos) foram percebidos como tendo mais influência social e receberam mais atenção. No geral, dominância personalizada está associada a vários indicadores de estatuto social como posições de liderança no trabalho e situações sociais, maior salário, maior popularidade ou mais influência.

Mas também a dominância socializada estará associada a um maior estatuto social. Por exemplo, a extroversão é das diferenças individuais mais importantes no estatuto social em grupos reais (Anderson, John, Keltner, & King, 2001). Judge, Bono, Remus e Gerhardt (2002) conduziram uma meta-análise de 73 estudos e concluíram que a extroversão é o traço de personalidade mais influente na emergência de um líder. Os mesmos autores citam diversas revisões qualitativas que demonstram que a autoconfiança também é um traço altamente associado à emergência de liderança. Em situações de resolução de problemas em grupo, os indivíduos que se comportam de forma mais autoconfiante, expressam as suas opiniões e sugestões mais frequentemente, estabelecem mais contacto visual e têm uma postura corporal

relaxada e expansiva são socialmente mais influentes (Anderson & Kilduff, 2009). No geral, a dominância socializada parece também estar associada a diferentes medidas de estatuto social como liderança e influência dentro de um grupo.

Uma vez que indivíduos no topo da hierarquia social têm tendencialmente mais facilidade de acesso a recursos (Maner & Case, 2016; von Rueden & van Vugt, 2015) e que riqueza de recursos aparenta ser valorizada pelas mulheres em contexto de relacionamentos de curto e longo termo (Buss & Schmitt, 1993) é natural que a dominância seja uma característica valorizada ao nível da atração sexual por parte das mulheres.

Em suma, os principais benefícios do comportamento dominante, tanto para dominância socializada ou personalizada, é de que são um sinal de bons genes e de potencial para obtenção de recursos.

1.7. Custos da Dominância

A dominância também está associada a um conjunto de custos no contexto relacional. Maiores níveis de testosterona estão associados a maior infidelidade, maior interesse em relações extradiádicas, violência, divórcio, e menor investimento nos parceiros e descendência, incluindo menor resposta emocional à aflição de crianças (Booth & Dabbs, 1993; Burnham et. al, 2003; Gray, Yang, & Pope Jr, 2006; McIntyre et. al, 2006; Fleming, Corter, Stalling & Steiner, 2002). Dado que dominância personalizada e a dominância socializada estão associadas a maiores níveis de testosterona, é possível que a dominância seja somente atraente em contextos de relacionamentos de curto termo. Consistentemente com esta lógica, há maior preferência por faces, vozes e corpos mais masculinos quando as mulheres julgam a atratividade de um homem para um hipotético relacionamento de curto termo, do que um relacionamento de longo termo (Little et. al, 2002; Puts, 2005; Provost et. al, 2006). Além disso, mulheres com uma sociosexualidade menos restrita (e.g. que têm mais interesse em sexo casual) tendem a preferir homens mais masculinos (e.g. Puts, 2005; Provost et. al, 2006), sendo que esta preferência ocorre não só não só para traços físicos de masculinidade, mas também para traços psicológicos como a dominância (Lukaszewski & Roney, 2010; Gangestad et. al, 2003; Brown & Sacco, 2017).

Contudo a literatura não se debruçou ainda sobre dois possíveis custos da dominância: A possibilidade de coerção sexual por parte de homens mais dominantes (nomeadamente os homens pessoalmente dominantes) e a maior probabilidade de sanções sociais (e.g.

ostracização social) que os homens personalizadamente dominantes tendem a sofrer, principalmente em tempos ancestrais (Boehm, 1993).

A dominância personalizada está muito associada ao construto de tríade negra (maquiavelismo, narcisismo e psicopatia) e a literatura sugere que os traços de tríade negra podem estar associados a uma maior tendência para a coerção sexual (Johnson, Girgis, & Milne-Home, 2017). Um artigo recente demonstrou que homens com pontuações mais elevadas de traços de tríade negra têm uma maior aceitação de mitos relacionados com violações sexuais (e.g. pensar que as vítimas de violações são particularmente propensas a mentir ou que um homem apenas comete uma violação devido a um desejo sexual incontável), demonstrando também menos empatia para com as vítimas e mais empatia para com os perpetradores (Jonasson, Girgis, & Milne-Home, 2017). A coerção sexual está associada a grandes custos para uma mulher, incluindo danos psicológicos, perda de reputação social e perda de desejabilidade enquanto parceira de longo termo (Perilloux, Duntley, & Buss, 2012), danos físicos como ferimentos genitais que diminuem a fertilidade e em alguns casos a morte (Suschinsky & Lalumière, 2011). Então, é de esperar que a atração por comportamentos de dominância personalizada, na sua essência um tipo de dominância antissocial, sejam considerados menos atraentes para contextos de relacionamentos de curto e longo termo em comparação com a dominância socializada. De facto, algumas evidências sugerem que faces, corpos e vozes hipermasculinas (e por isso mais personalizadamente dominantes) são julgadas como mais dominantes, mas não como mais atraentes (Geniole et. al, 2015; Perret et. al, 1998; Pope et. al, 2000; Saxton et. al, 2015). Assim sendo, um indivíduo personalizadamente dominante não deverá ser atraente para relações de curto ou longo termo, porque será mais propenso à coerção sexual nas parceiras.

Por outro lado, os homens socializadamente dominantes poderão ser preferidos para relacionamentos de curto e longo termo devido às implicações da teoria da dominância revertida. A investigação tem demonstrado que é possível obter estatuto social através de estratégias de dominância personalizada, como coerção ou intimidação (Maner & Case, 2016). No entanto, a tentativa de obter poder através da coerção ou intimidação não surge sem possíveis custos. De facto, este tipo de comportamento cria ressentimento e revolta para com os perpetradores por parte dos dominados. Esta é a premissa em que se baseia o antropólogo Boehm (1993) quando propõem a teoria da dominância revertida. Boehm analisou mais de 48 sociedades pré-industriais, incluindo bandos de caçadores-recolectores ou tribos pastoralistas e horticultoras espalhadas um pouco por todo o mundo e descobriu que comportamentos como ser demasiado agressivo, dominar os outros enquanto líder, monopolização de recursos, falta

O Efeito da Dominância e da Pró-Socialidade na Atratividade

de generosidade ou maldade para com os pares motivam sanções aos perpetradores. No geral, comportamentos que envolvem um grau elevado de agressividade ou imposição motivam sanções como ridicularização ou desobediência, ostracização ou deserção e nalguns casos até a execução do perpetrador (Boehm, 1993). Por exemplo, a tribo dos !Kung admitem executar membros “extremamente agressivos” (Lee, 1988) e entre os Yokuts um chefe que tomasse decisões injustas ou se auto engradecesse em demasia era ignorado em favor de outro chefe (Gayton, 1930). O mesmo é observável com os chimpanzés e os bonobos, em que ocasionalmente um macho alfa coercivo, agressivo e que faz bullying é atacado por um ajuntamento de machos menos poderosos, e Boehm (1999) é da opinião que esta tendência é ainda mais característica dos seres humanos. Também nas sociedades industriais se verifica alguma tendência para a oposição a comportamentos tipicamente dominantes. Por exemplo, existem evidências que homens mais altos e fisicamente fortes são percebidos como tendo maior estatuto social mas apenas se utilizarem a sua proeza física para o bem do grupo. Se pelo contrário a utilizarem para perseguir o seu autointeresse não lhes é alocado maior estatuto social (Lukaszewski et. al, 2015). Indivíduos mais narcísicos e que tentam aumentar o seu estatuto dentro de um grupo social (e que tipicamente o fazem de forma controladora e dominante) são menos aceites pelos pares e recebem menos dinheiro numa situação de resolução de um dilema moral em grupo, em parte porque são vistos como uma ameaça à harmonia do grupo (Anderson, Ames & Gosling, 2008). Crianças que praticam bullying são tidas como menos populares e são menos preferidas socialmente pelos pares (Palacios & Berger, 2016 mas ver também Koh & Wong, 2015). No geral, parece haver uma tendência no ser humano para se opor a ser dominado, particularmente se essa dominância é na sua essência antissocial. Em contraste, os valores da humildade e da igualdade são reforçados pela natureza humana

Se nas sociedades tribais existe este *ethos* igualitário, em que tentativas de dominância dos outros (particularmente as tentativas mais antissociais), são censuradas então é de esperar que a dominância personalizada seja considerada menos sexualmente atraente do que a dominância socializada. Isto porque teoricamente um indivíduo pessoalmente dominante estaria em maior risco de ostracização (ou até execução), do que um indivíduo socializadamente dominante. Em tempos ancestrais o acasalamento com um homem pessoalmente dominante poderia infligir vários custos. Uma mulher poderia perder o investimento do seu marido numa relação de longo termo casos a sua dominância personalizada o levasse a ser ostracizado pelo seu bando. Num relacionamento de curto termo, a mulher poderia perder reputação por se associar com um indivíduo socialmente mal visto.

Em resumo, a dominância, principalmente a dominância personalizada, apresenta uma série de custos em relacionamentos como violência ou menor investimento num parceiro ou descendência, maior possibilidade de coerção sexual e maior possibilidade de ostracização social ou execução nos perpetradores, o que poderia infligir alguns custos numa eventual parceira de longo ou curto termo por acréscimo (Booth & Dabbs, 1993; Burnham et. Al, 2003; Gray et. Al, 2003; McIntyre et. Al, 2006; Fleming et. Al, 2002; Jonasson, Girgis, & Milne-Home, 2017; Boehm, 1993).

1.8. O Presente Estudo

Uma vez que a dominância personalizada está associada a um conjunto de custos em relacionamentos de curto e longo termo, é de esperar que a dominância socializada seja preferida para relacionamentos de curto e longo termo em comparação com a dominância personalizada (H1). É igualmente de esperar um efeito da dominância em interação com a pró-socialidade, na medida em que a pró-socialidade leva a um aumento da atratividade (H2).

Uma vez que a dominância personalizada é mais passível de ser sexualmente coerciva, é de esperar que um perfil personalizadamente (vs. socializadamente) dominante seja percebido como mais sexualmente coercivo e que isto leve a um decréscimo da atratividade para relacionamentos de curto e longo termo (H3). No entanto, se um perfil personalizadamente dominante demonstrar comportamento pró-social para com a própria mulher (e.g.: for bondoso ou altruísta), as percepções de atratividade para relacionamentos de curto e longo termo serão maiores já que este indivíduo não aparenta ser um risco ao nível de coerções sexuais (H4).

Por fim, dado que a dominância personalizada sofre mais sanções sociais como ostracização, é possível que um perfil personalizadamente (vs. socializadamente) dominante seja percebido como tendo maior risco de ostracização social e isso leve a um decréscimo da atratividade para relacionamentos de curto e longo termo (H5).

Importa ainda referir que a orientação sociosexual das participantes foi controlada em todas as análises, uma vez que existem evidências que sugerem que pessoas com uma sociosexualidade menos restrita (e.g. mais abertas a sexo casual) preferem características diferentes nos seus parceiros (Gangestad & Simpson, 2003).

CAPÍTULO II - Método

2.1. Participantes e Delineamento

Participaram neste estudo 145 mulheres com idades compreendidas entre os 18 e os 50 anos ($M = 23.6$; $DP = 4.43$). Todas as participantes identificaram-se como heterossexuais e nenhuma tinha qualquer tipo de relacionamento amoroso. Cerca de 99,3% das participantes eram de nacionalidade portuguesa. Em termos de ocupação profissional, 59,3% das participantes afirmou ser estudante, 9,7% afirmou ser psicóloga, 4,8% afirmou estar no desemprego e as restantes afirmaram estar distribuídas pelas mais diversas áreas como medicina, direito, economia, informática, entre outras. As participantes foram maioritariamente recrutadas através das redes sociais.

As participantes foram aleatoriamente distribuídas por uma das condições experimentais definidas pelo delineamento 2 (dominância: socializada vs. personalizada) x 2 (pró-socialidade: sem vs. com altruísmo).

2.2. Materiais

Foram criados quatro cenários fictícios associados a um alvo chamado Estevão (ver Anexos). O método dos cenários imaginados foi escolhido por ser um método particularmente usado na literatura da atração sexual por dominância (e.g. Snyder, Kirkpatrick, & Barret, 2008; Giebel, 2015).

Uma vez que a dominância personalizada tem paralelismos com os traços tríade negra (e.g. agressividade e impulsividade), o alvo personalizadamente dominante foi descrito com base num perfil de indivíduo tríade negra. O cenário descrevia um indivíduo chamado Estevão, descrito como muito impulsivo e que gostava de atividades de risco como beber muito álcool e conduzir a velocidades excessivas. No trabalho, o Estevão produzia rapidamente e sem perfeccionismo e mudava de trabalho frequentemente por não conseguir tolerar a monotonia. Socialmente, o Estevão era descrito como muito interessado em assumir posições de liderança, sendo agressivo, teimoso e ofensivo para atingir os seus objetivos embora também considerasse ser charmoso quando a situação assim o exigia, e escolhendo amigos com base no que lhe poderiam oferecer. Todas estas características são típicas de indivíduos tríade negra, particularmente os indivíduos mais psicopatas e maquiavélicos (Jonasson, Lyons & Blanchard, 2015; Jonasson & O'Connor, 2017; Semanya & Honey, 2015; Jonasson & Schmitt, 2012; Jonasson & Ferrell, 2016; Jonasson, Lyons & Blanchard, 2015).

O cenário de dominância socializada descrevia o Estevão como extrovertido e menos dado a atividades de risco. No trabalho produzia rapidamente, mas era minimamente perfeccionista e considerava querer construir uma carreira a longo prazo em vez de mudar de trabalho sistematicamente. Socialmente, o Estevão era descrito como procurando posições de liderança, mas sendo persuasivo, assertivo e respeitador dos outros, embora também considerasse saber ter “mão forte” quando a situação assim o exigia, escolhendo amizades com base na intimidade e valores que partilha com os outros.

Nas condições de pró-socialidade era pedido às participantes que imaginassem que lhes era atribuída uma multa de 600 euros e o Estevão, que lhes tinha sido apresentado numa ocasião passada, se oferecia para cobrir os custos.

2.3 Procedimentos e Medidas

As participantes foram convidadas a participar num estudo online (plataforma Qualtrics) sobre formação de impressões através de publicitação nas redes sociais. Após darem o seu consentimento informado, as participantes respondiam a questões sociodemográficas. Em seguida, era-lhe apresentado aleatoriamente um dos quatro possíveis cenários com a descrição do alvo. Após leitura do cenário imaginado, era pedido às participantes para indicarem em que medida (1 = Nada Interessada, 7 = Extremamente Interessada) gostariam de ter um relacionamento de longo termo (e.g. “Ter um relacionamento de Longo Termo - e.g. Namoro Sério, Casamento - com Estevão”) e de curto termo (e.g. “Ter um relacionamento de Curto Termo – e.g. Um caso de poucos dias ou uma relação sexual descomprometida - com Estevão”) com o Estevão. Em seguida, era pedido às participantes para indicarem em que medida atribuíam um conjunto de atributos ao Estevão, tanto ao nível da sua personalidade (verificação da manipulação: percepção de dominância personalizada, 2 itens, e.g., “agressiva”; percepção de dominância socializada, 4 itens, $\alpha = .72$, e.g., “extrovertido”)¹, como ao nível dos seus comportamentos pró-sociais (manipulação de pró-socialidade: sete itens, $\alpha = .90$, e.g., “O Estevão ajudaria os pobres”). Em todos estes itens as respostas eram dadas numa escala de sete pontos (1 = Discordo Totalmente 7 = Concordo Totalmente). De igual forma também era pedido

¹ Uma análise fatorial prévia confirmou a existência de duas componentes distintas de dominância: dominância socializada e a dominância personalizada. Estas componentes explicam 61% da variância, sendo que na primeira componente saturaram os itens “agressivo” e “impulsivo” com peso superior a .81, e na segunda componente saturaram os itens “extrovertido”, “forte”, “confiante” e “dominante” com peso superior a .63. Estas duas componentes resultaram numa escala compósita de percepção de dominância personalizada (agressivo, impulsivo) e numa escala compósita de percepção de dominância socializada (extrovertido, confiante, forte e dominante).

O Efeito da Dominância e da Pró-Socialidade na Atratividade

às participantes que indicassem as suas percepções sobre o risco de Estevão ser sexualmente coercivo (um item: “O Estevão era capaz de coagir sexualmente uma mulher”) e o risco de ser expulso do grupo (um item: “As pessoas eram capazes de se unir para expulsar Estevão do seu grupo”). Por fim, foi pedido às participantes para responderem à escala de sociosexualidade (Simpson & Gangestad, 1991), validada numa amostra portuguesa por Rodrigues e Lopes (2016), composta por nove itens ($\alpha = .90$, e.g. “Com quantos parceiros diferentes teve sexo nos últimos 12 meses?”). As respostas foram dadas numa escala de sete pontos (âncoras da escala dependentes do tipo de item). No final, era feito o debriefing completo e revelado o verdadeiro propósito do estudo, agradecia-se a participação e facultava-se o e-mail do experimentador para quaisquer esclarecimentos.

CAPÍTULO III - Resultados

3.1. Análises Preliminares

No quadro 2 são apresentadas as correlações entre as todas as medidas. As percepções de ambos os tipos de dominância não se correlacionaram, $p = .871$. A percepção de dominância socializada apresentou uma correlação positiva significativa com a percepção de pró-socialidade, $p < .001$, atratividade para relacionamentos de longo termo, $p < .001$, e atratividade para relacionamentos de curto termo, $p < .005$. Em sentido inverso, a percepção de dominância personalizada apresentou uma correlação negativa significativa com a percepção de pró-socialidade, $p < .001$, e com atratividade para relacionamentos de longo termo, $p < .001$.

Quadro 2

Correlações Entre as Variáveis

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
|--|---|------|--------|-------|--------|--------|--------|--------|
| 1. Percepção de Dominância Socializada | - | -.01 | .54** | -.01 | .12 | -.11 | .27** | .20* |
| 2. Percepção de Dominância Personalizada | | - | -.41** | .33** | .33** | .31** | -.36** | -.09 |
| 3. Percepção de Pró-Socialidade | | | - | -.03 | -.34** | -.35** | .64** | -.31** |
| 4. Orientação Sociosexual | | | | - | .08 | .12 | .08 | .30** |
| 5. Risco de Coerção Sexual | | | | | - | .32** | -.30** | -.07 |
| 6. Risco de Expulsão do Grupo | | | | | | - | -.31** | -.02 |
| 7. Relacionamento de Longo Termo | | | | | | | - | .47** |
| 8. Relacionamento de Curto Termo | | | | | | | | - |

P < .1; *p < .05; **p < .01.

A sociosexualidade encontrou-se somente correlacionada significativamente com a atratividade para relacionamentos de curto termo, $p < .001$. O risco de coerção sexual

apresentou uma correlação positiva significativa com a percepção de dominância personalizada, $p < .001$, e ao mesmo tempo uma correlação negativa significativa com a percepção de pró-socialidade, $p < .001$. Apresentou também uma correlação negativa e significativa com a atratividade para relacionamentos de longo termo, $p < .001$. Um padrão semelhante emergiu para o risco de expulsão do grupo, positiva e significativamente correlacionado com a percepção de dominância personalizada, $p < .001$, e negativa e significativamente correlacionado com a percepção de pró-socialidade, $p < .001$, e com atratividade para relacionamentos de longo termo, $p < .001$.

3.2. Verificação da Manipulação

Para verificar se as manipulações foram bem-sucedidas e se não houve confound entre ambas, realizou-se uma MANCOVA com o delineamento 2 (dominância: socializada vs. personalizada) x 2 (pró-socialidade: sem vs. com altruísmo), na atribuição de traços de personalidade ao alvo. A orientação sociosexual das participantes entrou na análise como co-variável.

Os resultados demonstraram que houve um efeito principal da dominância na percepção do alvo como socializadamente dominante, $F(1, 139) = 25.48, p < .001, \eta_p^2 = .16$, na medida em que o alvo com dominância socializada foi percebido como mais socializadamente dominante ($M = 5.51, EP = .13$) do que o alvo com dominância personalizada ($M = 4.57, EP = .13$). De igual forma, ocorreu um efeito principal da dominância na percepção do alvo como personalizadamente dominante, $F(1, 139) = 55.10, p < .001, \eta_p^2 = .28$, na medida em que o alvo com dominância personalizada foi percebido como mais personalizadamente dominante ($M = 5.50, EP = .13$) comparativamente ao alvo com dominância socializada ($M = 4.02, EP = .14$). Contudo, verificou-se também um efeito principal da dominância na percepção de pró-socialidade, $F(1, 139) = 93.40, p < .001, \eta_p^2 = .40$, na medida em que o alvo com dominância socializada foi percebido como mais pró-social ($M = 3.97; EP = .11$) do que o alvo com dominância personalizada ($M = 2.38; EP = .11$).

Não se verificou um efeito principal do altruísmo na percepção do alvo como pró-social, $F(1, 139) = 3.27, p < .073, \eta_p^2 = .02$, nem efeitos principais do altruísmo nas percepções do alvo como socializadamente dominante, $F(1, 139) = .001, p < .974, \eta_p^2 < .01$, ou personalizadamente dominante, $F(1, 139) = .024, p < .876, \eta_p^2 < .01$. Mais ainda, não houve interação entre os fatores na percepção de pró-socialidade, $F(1, 139) = .07, p < .907, \eta_p^2 = .02$, percepção de dominância socializada, $F(1, 139) = 0.51, p < .477, \eta_p^2 < .01$, ou percepção de dominância personalizada, $F(1, 139) = .562, p < .452, \eta_p^2 < .01$.

3.3. Impacto da Dominância e Altruísmo na Atratividade

Por forma a comparar o efeito da dominância e do altruísmo nas preferências para relacionamentos de longo termo e curto termo conduzimos uma MANCOVA com o delineamento 2 (dominância: socializada vs. personalizada) x 2 (pró-socialidade: sem vs. com altruísmo). Mais uma vez, a orientação sociosexual das participantes entrou na análise como co-variável. O Quadro 2.1 apresenta as estatísticas descritivas ajustadas para cada grupo.

Quadro 2.1

Estatísticas Descritivas Ajustadas em Função das Condições Experimentais, na Atratividade para Diferentes Tipos de Relacionamentos

| | Dominância | Pró-Socialidade | Média | Erro-Padrão |
|-------------------------------|---------------|-----------------|-------|-------------|
| Relacionamento de Longo Termo | Dominância | Com Altruísmo | 2.50 | 1.67 |
| | Socializada | Sem Altruísmo | 3.13 | 1.52 |
| | Dominância | Com Altruísmo | 1.74 | .48 |
| | Personalizada | Sem Altruísmo | 1.18 | 1.14 |
| Relacionamento de Curto Termo | Dominância | Com Altruísmo | 2,00 | 1.27 |
| | Socializada | Sem Altruísmo | 2,82 | 1.78 |
| | Dominância | Com Altruísmo | 1.76 | 1.49 |
| | Personalizada | Sem Altruísmo | 1.29 | .76 |

Os resultados mostraram um efeito principal da condição dominância na atratividade para relacionamentos de longo termo, $F(1, 140) = 37,19, p < .001; \eta_p^2 = .21$, e curto termo, $F(1, 140) = 11,74; p < .001; \eta_p^2 = .07$. Concretamente, o alvo com dominância socializada foi considerado mais atraente para ambos os tipos de relacionamentos. Não se verificaram efeitos principais da condição pró-socialidade para relacionamentos de longo termo, $F(1, 140) = .050; p < .823; \eta_p^2 = .00$, ou curto termo, $F(1, 140) = .400; p < .528; \eta_p^2 = .03$. Por fim, verificaram-se interações significativas entre fatores na atratividade para relacionamentos de longo termo, $F(1, 140) = 6,20; p < .014; \eta_p^2 = .04$ (Figura 2), e curto termo, $F(1, 140) = 6.59; p < .011; \eta_p^2 = .04$ (Figura 2.1).

O Efeito da Dominância e da Pró-Socialidade na Atratividade

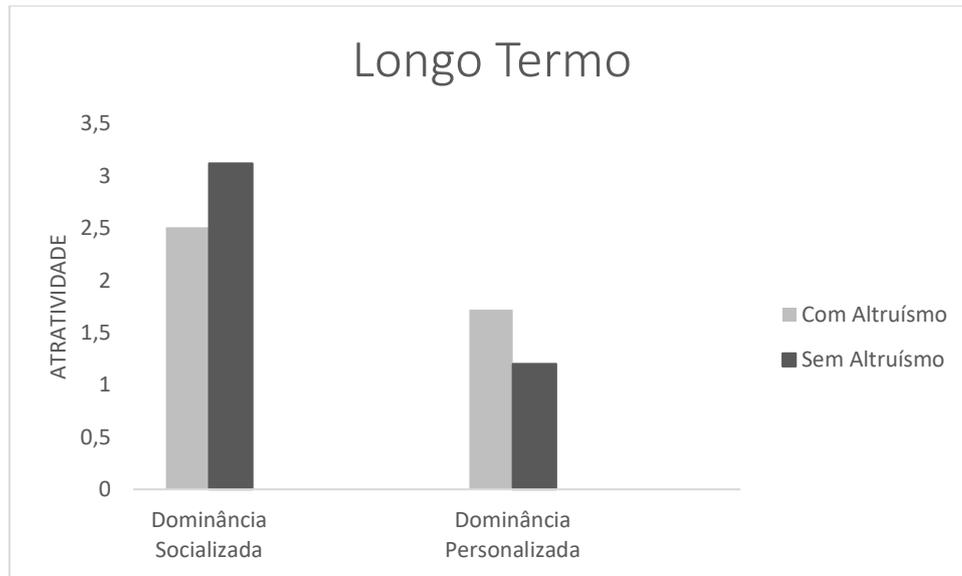


Figura 2. Interação entre dominância e altruísmo na atratividade para relacionamentos de longo termo.

Contrastes planejados para relacionamentos de longo termo mostraram a ausência de diferenças na condição de dominância personalizada consoante o altruísmo, $t(140) = 1.60$, $p = .113$. Contudo, na condição de dominância socializada, o alvo sem altruísmo foi considerado como mais apropriado para uma relação de longo termo, do que o alvo com altruísmo, $t(140) = -1.95$, $p = .054$.

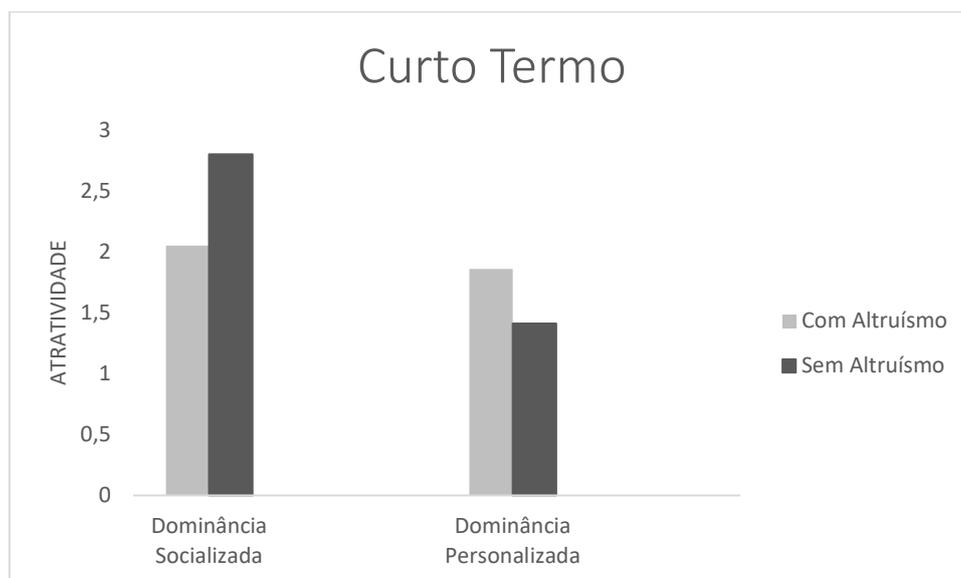


Figura 2.1 Interação entre dominância e altruísmo na atratividade para relacionamentos de curto termo.

Resultados semelhantes foram obtidos para relacionamentos de curto termo. Concretamente, contrastes planejados mostraram a ausência de diferenças na condição de dominância personalizada consoante o altruísmo, $t(140) = 1.37, p = .174$. Pelo contrário, o alvo com dominância socializada e sem altruísmo foi considerado como mais apropriado para uma relação de curto termo, do que o mesmo alvo com altruísmo, $t(140) = -2.29, p = .023$.

3.4. Impacto da Percepção dos Riscos de Coerção Sexual na Atratividade

Para testar a hipótese de que uma pessoa com dominância personalizada (vs. socializada), e sem altruísmo (vs. com), é mais passível de coagir sexualmente uma mulher, o que leva a menor atratividade para relacionamentos de curto e longo termo, foram conduzidas duas análises de mediação moderada utilizando a macro PROCESS (Modelo 7; Hayes, 2013). Em ambas as análises, dominância (codificada como 0 = personalizada, 1 = socializada) foi a variável independente, a percepção do risco de coerção sexual foi a variável mediadora, o altruísmo (codificada como 0 = sem altruísmo, 1 = com altruísmo) foi a variável moderadora e a sociosexualidade foi co-variável. Na primeira análise a variável dependente foi a atratividade para relacionamentos de curto termo, enquanto que na segunda análise a variável dependente foi a atratividade para relacionamentos de longo termo.

Relacionamentos de curto termo. Os resultados mostraram um efeito significativo da dominância personalizada na percepção de maior risco de coerção sexual, $b = -0.60; EP = 0.28$,

$p < .037$. Por sua vez, o risco de coerção sexual não teve um efeito significativo na atratividade para relacionamentos de curto termo, $b = -0.05$, $EP = 0.07$, $p < .433$. Ainda assim, o efeito direto da dominância sobre a atratividade para um relacionamento de curto termo manteve-se significativo, $b = 0.74$, $EP = 0.24$, $p = .002$. Além disso, a interação entre dominância e altruísmo não foi significativa, $b = 0.34$, $EP = 0.57$, $p < .577$, pelo que não houve indícios de mediação moderada, $b = -0.07$, $EP = 0.02$, 95% IC [-0.24, 0.03].

Relacionamentos de longo termo. Os resultados mostraram um efeito significativo da dominância personalizada na percepção de maior risco de coerção sexual, $b = -0.60$; $EP = 0.28$, $p < .037$. Por sua vez, o risco de coerção sexual teve um efeito significativo na atratividade para relacionamentos de longo termo, $b = -0.20$; $EP = 0.07$, $p < .002$. O efeito direto da dominância sobre a atratividade para um relacionamento de longo termo manteve-se significativo, $b = 1.20$, $EP = 0.22$, $p < .001$. Mais uma vez, a interação entre dominância e altruísmo não foi significativa, $b = 0.34$, $EP = 0.57$, $p < .577$, pelo que não houve indícios de mediação moderada, $b = -0.07$, $EP = 0.12$, 95% IC [-0.36, 0.14].

3.5. Impacto da Percepção do Risco de Expulsão do Grupo na Atratividade

Para testar a hipótese de que um homem pessoalmente dominante tem mais hipótese de ser expulso de um grupo e que por isso será menos atraente para relacionamentos de curto e longo termo comparativamente a um homem socializadamente dominante, foram conduzidas duas análises de mediação simples a macro PROCESS (Hayes, 2013). Em ambas as análises, dominância (codificada como 0 = personalizada, 1 = socializada) foi a variável independente, a percepção do risco de coerção sexual foi a variável mediadora e a sociosexualidade foi co-variável. Na primeira análise a variável dependente foi a atratividade para relacionamentos de curto termo, enquanto que na segunda análise a variável dependente foi a atratividade para relacionamentos de longo termo.

Relacionamentos de curto termo. Os resultados mostraram um efeito significativo da dominância personalizada na percepção de maior risco de expulsão do grupo, $b = -1.17$; $EP = 0.27$, $p < .001$, mas um maior risco de expulsão do grupo não teve um efeito significativo na atratividade para relacionamentos de curto termo, $b = .035$; $EP = 0.07$, $p < .633$. O efeito direto da dominância sobre a atratividade para um relacionamento de curto termo foi significativo, $b = 0.81$, $EP = 0.25$, $p < .001$, enquanto que o efeito indireto não foi significativo, $b = -0.04$, $EP = 0.07$, 95% IC [-0.19, 0.10].

Relacionamentos de longo termo. Os resultados mostraram um efeito significativo da dominância personalizada na percepção de maior risco de expulsão do grupo, $b = -1.17$; $EP = 0.27$, $p < .000$, e um maior risco de expulsão do grupo teve um efeito significativo na atratividade para relacionamentos de longo termo, $b = -0.15$; $EP = 0.06$, $p < .020$. O efeito direto da dominância na atratividade para relacionamentos de curto termo manteve-se significativo, $b = 1.14$, $EP = 0.23$, $p = .001$, da mesma forma que o efeito indireto foi igualmente significativo, $b = 0.18$, $EP = 0.08$, $p < .001$, 95% IC [0.05, 0.39].

CAPÍTULO IV - Discussão

4.1. Dominância Socializada e Dominância Personalizada

Vários estudos têm demonstrado que a dominância enquanto traço de personalidade aumenta a atração em amostras de mulheres, mas até agora nenhum estudo tinha distinguido entre dois tipos de dominância. Neste trabalho diferenciou-se a dominância personalizada, que diz respeito a uma compósita de traços de personalidade socialmente indesejáveis e mais prototípicos daquilo a que comumente se entende por dominância (e.g. agressividade, impulsividade) e a dominância socializada, que diz respeito a uma compósita de traços de personalidade mais socialmente desejáveis e menos prototípicos do que tipicamente se entende por dominância (e.g. extroversão; autoconfiança). Foi colocada a hipótese de que a dominância socializada seria preferida para relacionamentos de curto e longo termo devido à possibilidade de um perfil mais pessoalmente dominante sinalizar uma maior probabilidade de coerção sexual e uma maior probabilidade de sanções sociais (e.g. ostracização social) (Jonasson, Girgis, & Milne-Home, 2017; Boehm, 1993). Foi colocada ainda em hipótese que o efeito da dominância personalizada na atratividade seria moderado pela pró-socialidade na medida em que um indivíduo pessoalmente dominante será apenas considerado atraente se efetivamente também demonstrar ser boa pessoa (Jensen-Campbell, Graziano, & West, 1995; Lukaszewski & Roney, 2010).

Os resultados mostraram que um perfil socializadamente dominante foi preferido para relacionamentos de curto e longo termo. Em contraste, um perfil pessoalmente dominante foi considerado mais agressivo, impulsivo e menos pró-social, características que podem ser nocivas em relacionamentos amorosos. De facto, atributos como probabilidade de agredir fisicamente uma mulher e ser menos generoso nos seus relacionamentos são características indesejadas em relacionamentos de curto e longo termo (Buss & Schmitt, 1993; Farelly, Clemson, & Guthrie, 2016; Arnocky et. al, 2016). Então, a preferência de um perfil socializadamente (vs. pessoalmente) dominante para relacionamentos de curto e longo termo pode significar que, apesar de ambos os tipos de dominância terem relativamente os mesmos benefícios do ponto de vista evolutivo (e.g., bons genes, capacidade de obtenção de recursos), a dominância personalizada está associada a todo um maior número de custos. Como tal, os resultados obtidos estão alinhados com investigação anterior. Por exemplo, Burger e Cosby (1999), mostraram que cerca de 48% das mulheres listaram a assertividade, e 72% listaram a autoconfiança, como traços ideais num potencial parceiro para um encontro romântico, mas somente 12% listaram a agressividade e 0% a imposição, como traços ideais

num parceiro para o mesmo fim. Adicionalmente, Sadalla, Kenrick e Vershure (1989) mostraram que indivíduos descritos como autoconfiantes e competitivos são tidos como mais sexualmente e fisicamente atraentes, o mesmo não acontecendo com indivíduos descritos como agressivos ou autocráticos. Ainda assim, diversos estudos têm demonstrado um efeito da dominância personalizada na atratividade para relacionamentos de curto termo (e.g., Gangestad et al., 2004). Uma possível explicação reside no fato de que estes estudos geralmente baseiam-se na comparação dos efeitos de níveis elevados de dominância personalizada com níveis baixos de dominância personalizada (e.g., indivíduos com pontuações altas em tríade negra vs. indivíduos com pontuações baixas em tríade negra) (e.g. Jonasson, Lyons & Blanchard, 2015). Isto não significa necessariamente que a dominância personalizada seja considerada atraente para relacionamentos de curto termo. De facto, no presente estudo não foram encontradas correlações entre dominância personalizada e atratividade para relacionamentos de curto termo, mas sim uma correlação negativa e significativa para relacionamentos de longo termo. Isto sugere que o efeito da dominância personalizada na atratividade prende-se mais com uma penalização severa deste tipo de perfil para um relacionamento de longo termo, e uma propensão para o tolerar num relacionamento de curto termo. Possivelmente, esta maior propensão poderá ser influenciada pela presença de outras características atraentes (e.g., ser fisicamente atraente).

Uma outra possível explicação é a de que a dominância personalizada co-varia com a dominância socializada (Carter, Campbell, & Muncer, 2014). Jauk et. al (2016) sugerem que num contexto de *speed-dating* indivíduos mais psicopatas e maquiavélicos não obtêm mais sucesso (e.g. mais convites para futuros encontros). Pelo contrário, indivíduos mais narcísicos têm mais sucesso, sendo que este sucesso é parcialmente mediado pela extroversão destes indivíduos. De igual forma, Dufner, Daufner, Czarna e Denissen (2013) pediram a homens para abordar mulheres num estudo de campo e descobriram que os homens mais narcísicos tiveram mais sucesso nessa tarefa (e.g. obtiveram mais contactos), tendo este efeito sido mediado pela atratividade física e pelo grau com que exibiam comportamentos “socialmente ousados” (e.g., auto-confiança, charme, carisma e extroversão). É por isso possível que os indivíduos personalizadamente dominantes tenham sucesso no campo dos relacionamentos, por também projetarem algumas características de dominância socializada (e.g. extroversão, autoconfiança). Em suma, as mulheres poderão estar dispostas a tolerar o mau comportamento de um homem personalizadamente dominante partindo do pressuposto que esta tenha características que compensem este malefício, ou então confundem os homens personalizadamente dominantes com homens socializadamente dominantes.

4.2. A Pró-socialidade no Efeito da Dominância na Atratividade

Colocou-se também a hipótese de que a pró-socialidade iria moderar o efeito da dominância personalizada na atratividade, dado que um indivíduo dominante seria considerado mais atraente para relacionamentos de curto e longo termo, caso tivesse comportamentos pró-sociais para com a própria. Esta hipótese foi baseada nos estudos de Jensen-Campbell, Graziano e West (1995) e Lukaszewski e Roney (2009), que sugerem que a dominância é somente atraente quando em interação com a pró-socialidade e que, geralmente, as pessoas tendem a preferir parceiros que demonstrem uma combinação de dominância e amabilidade. Ainda que o alvo com comportamento altruísta não tenha sido percebido como mais pró-social (houve apenas um efeito marginal), verificou-se que o altruísmo diminuiu significativamente a atratividade para relacionamentos de curto e longo termo em alvos socializadamente dominantes. Para explicar este resultado, importa ter em conta que comportamentos tipicamente congruentes com o sexo de um indivíduo são geralmente percebidos como mais atraente. De facto, Birnbaum e colegas (2014) mostraram que em condições naturalistas, o comportamento responsivo e interessado de uma mulher face a um homem é tido como mais feminino e consequentemente mais atraente. No sentido inverso, o comportamento mais responsivo e interessado de um homem para com uma mulher não teve qualquer efeito na sua atratividade. Os autores sugerem que esta diferença de género pode-se dever em parte ao fato de que “neste contexto, as mulheres podem suspeitar das intenções de um estranho responsivo, atribuindo a sua responsividade a motivos desonestos (e.g. manipulação para obter favores sexuais, uma estratégia clara de autoapresentação) em vez de tendências amáveis” (p. 5). Esta explicação faz sentido para compreender os presentes resultados, visto que no presente estudo o Estevão oferecia-se para pagar uma multa passada às participantes, quando não havia qualquer ligação emocional ou mesmo social entre ambos. Adicionalmente, Birnbaum e colegas (2014) referem que “algumas mulheres podem perceber um homem mais responsivo como mais ansioso para impressionar e como tal menos dominante e mais feminino” (p. 5). Ambos os motivos podem ajudar a explicar o porquê de um indivíduo socializadamente dominante perder atratividade por se disponibilizar a ajudar uma mulher, na medida em que o alvo socializadamente dominante pode ter sido percebido como mais manipulador e mais ansioso para impressionar, comparativamente ao alvo personalizadamente dominante.

4.3. Impacto do Risco de Coerção Sexual e do Risco de Expulsão do Grupo.

Conforme proposto, um dos custos de ter um relacionamento com um indivíduo pessoalmente dominante é a probabilidade deste ser mais sexualmente coercivo. Porém, surpreendentemente, os presentes resultados suportaram esta hipótese apenas parcialmente. Apesar dos resultados demonstrarem que um perfil pessoalmente dominante é mais propenso a ser sexualmente coercivo, a percepção de maior risco de coerção sexual levou apenas a um decréscimo de atratividade para relacionamentos de longo termo, mas não para relacionamentos de curto termo. Tais resultados não eram expectáveis, já que investigação prévia demonstra que a coerção sexual está associada a todo um conjunto de severos malefícios clínicos como depressão, stress pós-traumático, ansiedade, disfunção sexual, perda de autoestima, perdas sociais, ferimentos, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e nalguns casos a morte (Perilloux, Duntley, & Buss, 2012; Suschinsky & Lalumière, 2011). Apesar de ainda ser debatido se violações sexuais eram efetivamente ocorrências comuns no passado ancestral (Smith, Borgerhoff Mulder, & Hill, 2001; Thornhill & Palmer, 2000), vários psicólogos evolutivos consideram que as mulheres evoluíram um conjunto de defesas físicas e mentais contra a potencial ameaça de uma violação sexual (Suschinsky & Lalumière, 2011; Mckibbin & Schackelford, 2011). Por exemplo, as mulheres tendem a perceber homens desconhecidos como mais sexualmente violentos que o que realmente são (Mckibbin & Schackelford, 2011). Outra possibilidade para a ausência de impacto nos relacionamentos de curta duração poderá estar associada com a medida utilizada. No presente estudo o risco de coerção sexual foi avaliado utilizando um único item que transcrevia “O Estevão era capaz de coagir sexualmente uma mulher”. É possível que as participantes não tenham interpretado “coagir sexualmente” como violência ou probabilidade de violação, mas sim como propensão para persuadir alguém a ter sexo casual. Se em vez de “coagir sexualmente” tivesse sido utilizada a expressão “violar uma mulher”, talvez a interpretação fosse menos ambígua e tivesse sido alocado uma maior percepção de risco de violação sexual e conseqüente diminuição de atratividade para relacionamentos de curto termo. Adicionalmente, é possível que as participantes tenham considerado que o facto do Estevão poder coagir sexualmente outra mulher não implicaria que o mesmo comportamento fosse dirigido a si mesmas. Estes resultados parecem sugerir que as mulheres estão dispostas a tolerar algumas transgressões na conduta sexual (e.g. alguma insistência leve por parte do homem para ter um relacionamento sexual), partindo do pressuposto que elas próprias querem ter um relacionamento sexual de curto termo. Investigação futura deverá por isso ter em conta a

linguagem utilizada na formulação dos itens, procurando possivelmente a utilização específica da palavra “violação” ou “coerção sexual” de forma a detetar um efeito do risco de coerção sexual na diminuição da atratividade para relacionamentos de curto termo.

Colocou-se também a hipótese de que um segundo custo de um perfil personalizadamente (vs. socializadamente) dominante seria o risco de expulsão de um grupo. Esta hipótese foi largamente baseada na teoria da dominância revertida (Bohem, 1993), segundo a qual indivíduos que apresentam comportamentos personalizadamente dominantes são frequentemente criticados, troçados, ostracizados ou até agredidos ou executados. Posto isto, levantou-se a hipótese de que as mulheres terão co-evoluído uma menor preferência por homens personalizadamente dominantes para relacionamentos de curto e longo termo, devido à maior probabilidade de serem expulsos do seu grupo. Os resultados suportam esta hipótese, mas mais uma vez apenas para relacionamentos de longo termo. Para relacionamentos de curto termo a percepção de maior possibilidade de expulsão do grupo não leva a um decréscimo da atratividade. Da perspetiva da psicologia evolutiva, tal seria compreensível porque os custos de ter um relacionamento de longo termo com um indivíduo que acabe expulso do grupo são muito maiores, dado que em tempos ancestrais ver um parceiro ostracizado socialmente poderia significar a perda de investimento parental. Em contraste, ter um relacionamento de curto termo com um indivíduo personalizadamente dominante poderia conferir benefícios como melhores genes (Gangestad, Thornhill, Garver-Apgar, 2010; Rantala et. al, 2012; Rhodes et. al, 2003; Gangestad & Thornhill, 2006) e conferir custos mínimos devido à natureza fugaz e rápida dos relacionamentos de curto termo. Isto complementa o trabalho recente de Volk, Dane, Zopito e Vallaincourt (2015), no qual se verificou evidências consistentes de que os homens e mulheres que praticam bullying têm mais parceiros sexuais e iniciam a sua vida sexual mais precocemente, embora não tenham mais encontros românticos e parceiros de longo termo que vítimas de bullying. Adicionalmente, o bullying não é o único tipo de dominância personalizada associada a maior sucesso em relacionamentos de curto termo. Algumas evidências sugerem que indivíduos tríade negra são preferidos tanto por homens como mulheres para relacionamentos de curto termo (Jonasson, Lyons & Blanchard, 2015) e os indivíduos com traços de tríade negra têm efetivamente mais parceiros sexuais (Jonasson et. al, 2009; Carter, Campbell, & Muncer, 2014).

4.4. Limitações e direções para pesquisa futura

O presente estudo apresenta algumas limitações. A metodologia dos cenários imaginados, apesar de informativa, nem sempre corresponde aquilo que os indivíduos fariam numa situação real (Eastwick, Finkel, & Eagly, 2011). Pesquisa futura deve por isso tentar replicar os resultados obtidos em condições naturalistas. Os psicólogos sociais baseiam-se comumente no paradigma do *speed-dating*, a partir do qual estudam as preferências ideais de parceiros diretamente a partir das condições naturais oferecidas pelo contexto do *speed-dating* (Tidwell, Eastwick & Finkel, 2013). Seria por isso aconselhável avaliar o sucesso neste tipo de eventos de homens personalizadas ou socializadas dominantes controlando para fatores como a atratividade física. Seria igualmente aconselhável analisar eventuais diferenças no número de parceiros sexuais reportados por homens personalizadas ou socializadas dominantes controlando por exemplo para a coercividade sexual e a tendência para manipular durante a fase de cortejamento.

Outras limitações prendem-se com os itens utilizados para testar as hipóteses do risco de coerção sexual e do risco de expulsão do grupo. Ambos eram testados através de um único item respetivamente. O item do risco de coerção sexual utilizava linguagem mais “leve” que poderá ter enviesado os resultados no sentido de não detetar um decréscimo da atratividade para relacionamentos de curto termo, uma vez que perguntava às participantes sobre o risco de “coação sexual” em vez de perguntar sobre o risco de “violação sexual”, que poderia ter sido interpretado de outra forma. De igual modo, o item que avaliava o risco de expulsão do grupo perguntava somente pela expulsão, quando a teoria de Boehm (1993) prevê que existem mais possíveis riscos da dominância personalizada como criticismo social, ridicularização, agressão ou execução. Pesquisa futura deverá por isso ter em conta uma compósita de riscos que não se reduzam apenas ao risco de expulsão do grupo mas também risco de ridicularização, criticismo, agressão, etc.

De igual modo, outro problema associado às medidas utilizadas foi a medida de verificação da manipulação da dominância socializada. Era expectável que o item “dominante” fosse utilizado como parte da compósita de percepção de dominância personalizada, dado que a dominância personalizada é mais prototípica de dominância (Buss, 1981), contudo os resultados mostraram que esse item era mais congruente como a percepção de dominância socializada. No entanto, tal não é problemático já que pode refletir que, no caso deste estudo, as participantes interpretaram a dominância de forma menos prototípica.

O Efeito da Dominância e da Pró-Socialidade na Atratividade

Tal poderá ser um reflexo da dominância ser um construto que pode significar várias coisas diferentes para pessoas diferentes (e.g. extroversão, agressividade, etc) (Bryan, Webster, & Mahaffey, 2011). Outro problema relacionado com as medidas utilizadas foi a existência de um confound da percepção de dominância socializada com a percepção de pró-socialidade. O Estevão socializadamente dominante foi visto como mais pró-social, ainda mais do que o Estevão socializadamente dominante e altruísta. Pesquisa futura deverá por isso ter em conta esta limitação.

A sociosexualidade foi também a única co-variável tida em conta no estudo. Outras previamente identificadas pela literatura poderiam ter sido controladas e é por isso aconselhável que pesquisa futura as tenha em conta. Por exemplo, mulheres com elevado receio do crime (e.g. serem assaltadas na rua) tendem a preferir homens mais agressivos e fisicamente mais fortes (Snyder et. al, 2011). Em conformidade com isto, outras evidências sugerem que quando as mulheres são expostas a imagens de violência entre homens, ou de armas, tendem a preferir faces mais masculinas (Little, DeBruine, & Jones, 2013), sendo que faces mais masculinas são percebidas como estando associadas a uma maior força física e maior capacidade para lutar (Sell et. al, 2009). Snyder, Kirkpatrick e Barret (2008) também descobriram que um perfil dominante é particularmente atraente em contextos de elevada competição intrasexual. É por isso possível que efeitos de primação sugestivos de contextos mais violentos possam influenciar as mulheres a considerar indivíduos personalizadamente mais dominantes por estes serem mais combativos que os indivíduos socializadamente dominantes.

Outras duas variáveis para o qual se deverá controlar são os traços tríade negra das próprias participantes e a busca de novas sensações. Isto porque em média os casais tendem a apresentar semelhanças no nível de tríade negra desde o início do relacionamento (Jonasson, Lyons & Blanchard, 2015; Karum, Hurnek-Knezvic, Schmitt, & Covic, 2016). Curiosamente, este efeito de atração por semelhança aparenta só existir ao nível comportamental e afetivo (Blanchard, Lyons, & Munoz Centifanti, 2016). Ao nível físico, as mulheres com elevadas pontuações em narcisismo parecem preferir compósitas de faces de homens com elevado narcisismo, mas o mesmo não ocorre com a preferência de mulheres maquiavélicas/psicopatas relativamente a compósitas de faces maquiavélicas ou psicopatas (Lyons & Blanchard, 2016). Por que é que as mulheres tríade negra apresentam esta preferência por homens iguais a si mesmas? A resposta pode residir em parte na necessidade que estas pessoas têm por constante estimulação emocional preferindo relações que sejam voláteis e caracterizadas pelo drama (Jonasson et al, 2011). Em conformidade com esta ideia, Giebel (2015) demonstrou que as

peças com um elevado nível de busca de sensações preferem parceiros mais dominantes pois consideram estes menos aborrecidos e mais estimulantes. Era por isso expectável que mulheres tríade negra ou com elevado nível de busca de sensações pudessem preferir um perfil pessoalmente dominante a um perfil socialmente dominante.

CAPÍTULO V - Conclusão

O presente estudo procurou analisar como a interação da dominância e do altruísmo podem influenciar a atratividade para relacionamentos de curto e longo termo em amostras de mulheres. Conforme esperado, observou-se uma preferência de formas de dominância socializada para relacionamentos de curto e longo termo comparativamente a formas de dominância personalizada. De igual modo, observou-se também um efeito do risco de coerção sexual e do risco de expulsão de um possível parceiro do grupo na atratividade para relacionamentos de longo termo, mas não de curto termo. Já a interação da dominância com a pró-socialidade foi inconclusiva e carece de investigação futura. No geral, os resultados obtidos sugerem que os psicólogos evolutivos devem distinguir entre dominância socializada e dominância personalizada nos seus futuros estudos sobre a atratividade deste traço de personalidade.

Bibliografia

- Ahmetoglu, A. & Swami, V. (2012). Do women prefer “nice guys”? the effect of male dominance behavior on women's ratings of sexual attractiveness. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 40(4), 667-672.
- Alcock, J. (2005). *Animal behavior: An evolutionary approach* (8th ed.). Sunderland, MA: Sinauer.
- Anderson, C., Ames, D. R., & Gosling, S. D. (2008). Punishing hubris: The perils of overestimating one's status in a group. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 34, 90 – 101. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/0146167207307489>
- Anderson, K. & Kilduff, G. J. (2009). Why do dominant personalities attain influence in face-to-face groups? the competence-signaling effects of trait dominance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96(2), 491-503.
- Anderson, C, John, O. P., Keltner, D. & Kring, A. M. (2001). Who attains social status? effects of personality and physical attractiveness in social groups. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(1), 116-132.
- Archer, J., Graham-Kevan, N., & Lowe, M. (2005) Testosterone and aggression: a reanalysis of Book, Starzyk, and Quinsey's (2001) study. *Aggression and Violent Behavior*. 10(2), 241–261
- Arnocky, S., Piche, T., Albert, G., Oullette, D., & Barclay, P. (2016). Altruism predicts mating success in humans. *British Journal of Psychology*, 108(2), 1-20.
- Antfolk, J., Salo, B., Alankp, K., Bergen, E., Kurander, J., Sandnabba, N. K., & Santilla, P. (2015). Women's and men's sexual preferences and activities with respect to the partner's age: evidence for female choice. *Evolution & Human Behavior*, 36(1), 73-79.
- Birnbaum, G. E., Ein-Dor, T., Reis, H. T., & Segal N. (2014) Why do men prefer nice women? Gender typicality mediates the effect of responsiveness on perceived attractiveness in initial acquaintanceships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40(10), 1341-1353.
- Blanchard, A., Lyons, M., & Munoz Centifanti, L. C. (2016). An effective way to deal with predators is to taste terrible: Primary and secondary psychopathy and mate preference. *Personality and Individual Differences*, 92, 128-134.
- Boehm, C. (1993). Egalitarian behavior and reverse dominance hierarchy. *Current Anthropology*, 34(3), 227-240.
- Boehm C. (1999). *Hierarchy in the forrest: the evolution of egalitarian behavior*. Cambridge: Harvard University Press.
- Booth, A., & Dabbs, J. M. (1993). Testosterone and men's marriages. *Social Forces*, 72, 463–477.
- Braun, M., & Bryan, A. (2006). Female waist-to-hip and male waist-to-shoulder ratios as determinants of romantic partner desirability. *Journal of Social and Personal Relationships*, 23(5), 805-819.

- Brown, M., & Sacco, D. (2017) Unrestricted sociosexuality predicts preferences for extraverted male faces. *Personality and Individual Differences, 108*, 123-127.
- Bryan, A. D., Webster, G. D., & Mahaffey, A. L. (2011). The big, the rich, and the powerful: physical, financial, and social dimensions of dominance in mating and attraction. *Personality & Social Psychology Bulletin, 37*(3), 365-382.
- Burger, M. J., & Cosby, M (1999). Do women prefer dominant men? The case of the missing control condition. *Journal of Research in Personality, 33*, 358-368.
- Burnham, T. C., Chapman, J. F., Gray, P. B., McIntyre, M. H., Lipson, S. F., & Ellison, P. T. (2003). Men in committed, romantic relationships have lower testosterone. *Hormones and Behavior, 44*, 119-122.
- Buss, D. M., & Craik, K. H. (1980) The frequency concept of disposition: dominance and prototypically dominant acts. *The Journal of Personality, 48*(2), 379-392.
- Buss, D. M. (1981) Sex differences in evaluation and performance of dominant acts. *Journal of Personality and Social Psychology, 40*(1), 147-154.
- Buss, D. M. (1989) Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences, 12*, 1-49.
- Buss, D.M. (1991) Evolutionary Personality Psychology. *Annual Review of Psychology, 42*(45), 9-91.
- Buss, D.M., & Schmitt, D. P. (1993) Sexual strategies theory: An evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review, 100*(2), 204-232.
- Buss, D. M. (2003) *The evolution of desire: strategies of human mating*. New York: Basic Books.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (2011). Evolutionary Psychology and Feminism. *Sex Roles, 64* (768). Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11199-011-9987-3>
- Capra, M. C. & Rubin, P. H., (2011). Rationality and utility: economics and evolutionary psychology em Gad Saad: *Evolutionary Psychology in the Business Sciences* (319-338), New York: Springer.
- Cheng, J. T., Tracy, J. L., Foulsham, T., Kingstone, A., & Henrich, J. (2013) Two ways to the top: evidence that dominance and prestige are distinct yet viable avenues to social rank and influence. *Journal of Personality and Social Psychology, 104*(1), 103-125.
- Christie, R., & Geis, F. (1970). *Studies in machiavellianism*. New York: Academic Press
- Collins S. A. (2000). Men's voices and women's choices. *Animal Behaviour, 60*, 773-780.
- Confere, J. C., Easton, J. A., Fleischman, D. S., Goetz, C. D., Lewis, D., Perilloux, C., Buss, D. M. (2010). Evolutionary Psychology: controversies, questions, prospects and limitations. *American Psychologist, 62*(2), 110-126.
- Cowie, F. (1999). *What's Within?*. Oxford: Oxford University Press.

- Darwin, C. (1859). *On the origin of species by means of natural selection*. London, England: John Murray.
- Davis, A., & Schackelford, T. K. (2006). An evolutionary psychological perspective on gender similarities and differences. *American Psychologist*, *61*(6), 640-641.
- DeBruine, L. M., Jones, B. C., Little, A. C., Boothroyd, L. G., Perrett, D. I., Penton-Voak, I. S., et al. (2006). Correlated preferences for facial masculinity and ideal or actual partner's masculinity. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, *273*, 1355–1360
- Dufner, M., Rauthmann, J. F., Czarna, A. Z., & Denissen, J. J. A. (2013). Are narcissists sexy? Zeroing in on the effect of narcissism on short-term mate appeal. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *39*, 870–882.
- Eastwick, P. W., Finkel, E. J., Eagly, A. H. (2011). When and why do ideal partner preferences affect the process of initiating and maintaining romantic relationships? *Journal of Personality and Social Psychology*, *101*(5), 1012-1032.
- Farelly, D. Clemson, P., & Guthrie, M. (2016). Are Women's Mate Preferences for Altruism Also Influenced by Physical Attractiveness? *Evolutionary Psychology*, *14*(1), 1-6.
- Fleming, A. S., Corter, C., Stalling, J. & Steiner, M. (2002). Testosterone and prolactin are associated with emotional responses to infant cries in new fathers. *Hormones & Behavior*, *42*(4), 399-413.
- Folstad, I., & Carter, A. (1992). Parasites, bright males, and the immunocompetence handicap. *The American Naturalist*, *139*(3), 603-622.
- Feinberg D.R., Jones B.C., Little A.C., Burt D.M., Perrett D.I. (2005) Manipulations of fundamental and formant frequencies influence the attractiveness of human male voices. *Animal Behaviour*, *69*, 561–568
- Gangestad, S. W., Simpson, J. A., Cousin, A. J., Garver-Apgar, C. E., & Christensen, P. N. (2004) Women's preferences for male behavioral displays change across the menstrual cycle. *Psychological Science*, *15*(3), 203-207.
- Gangestad, S. W., Thornhill, R. & Garver-Apgar, C. E. (2010) Men's facial masculinity predicts changes in their female partners' sexual interests across the ovulatory cycle, whereas men's intelligence does not. *Evolution & Human Behavior*, *31*(6), 412-424.
- Gayton, A. H. (1930). *Yokuts-Mono chiefs and shamans*. Berkeley: University of California Press.
- Geher, G., Carmen, R., Guitar, A., Gangemi, B., Sancak Aydin, G., and Shimkus, A. (2015) The evolutionary psychology of small-scale versus large-scale politics: Ancestral conditions did not include large-scale politics. *European Journal of Social Psychology*, *46*, 369-376.
- Geniole, S. N., Denson, T. F., Dixson, B. J., Carré, J. M., & McCormick, C. M. (2015) Evidence from meta-analyses of the facial width-to-height ratio as an evolved cue of threat. *Plos One*, *10*(7). Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0132726>

- Giebel, G. (2015) The thrill of loving a dominant partner: Relationships between preference for a dominant mate, sensation seeking, and trait anxiety. *Personal Relationships*, 22(2), 275-284.
- Gough, H. G., & Bradley, P. (1996). *California Psychological Inventory™, manual*. Palo Alto: Consulting Psychologists Press, Inc.
- Gray, P., Yang, C., & Pope Jr, H. (2006) Fathers have lower salivary testosterone levels than unmarried men and married non-fathers in Beijing, China. *Proceedings in Biological Sciences*, 272(1584), 333-339.
- Grøntvedt, T. V., & Kennair, L. O. (2013). Age preferences in a gender egalitarian society. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology*, 7(3), 239-249.
- Haidt, J., & Josephs, C. (2004) Intuitive ethics: how innately prepared intuitions generate culturally variable virtues. *Daedalus*, 103(4), 55-66.
- Hald, G. & Høgh-Olesen, H (2010) Receptivity to sexual invitations from strangers of the opposite gender. *Evolution & Human Behavior*, 31(6), 453-458.
- Hawley, P. H. (1999) The ontogenesis of social dominance: a strategy-based evolutionary perspective. *Developmental Review*, 19, 97-132.
- Hayes, A. F. (2013) Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach. New York: Guilford Press.
- Hill, R. (1945). Campus values in mate selection. *Journal of Home Economics*, 37, 554-558.
- Hodges-Simeon C.R., Gaulin S.J.C., & Puts D.A. (2010). Different vocal parameters predict perceptions of dominance and attractiveness. *Human Nature*, 21, 406–427.
- Hosker-Field, A., Molnar, S., & Book, S. A. (2016) Psychopathy and risk taking: examining the role of risk taking. *Personality and Individual Differences*, 91, 123-132.
- Ilardi, S. S., Jacobson, J. D., Lehman, K. A., Stites, B. A., Karwoski, L., Stroupe, & Young, C. (novembro, 2007). *Therapeutic lifestyle change for depression: results from a randomized controlled trial*. Manuscrito apresentado no encontro anual da Associação para a Terapia Cognitiva e Comportamental, Filadélfia, PA.
- Jasienska, G., Lipson, S. F., Ellison, P. T., Thune, I., & Ziolkiewicz, A. (2006). Symmetrical women have higher potential fertility. *Evolution & Human Behavior*, 27(5), 390–400.
- Jauk, E., Neubauer, A. C., Mairunteregger, T., Pemp, S., Sieber, K., & Rauthman, J. (2016) How alluring are dark personalities? The dark triad and attractiveness in speed dating. *European Journal of Personality*, 30(2), 125-132.
- Jensen-Campbell, L., Graziano, W., & West, S. G. (1995) Dominance, pro-social orientation and female preferences: do nice guys really finish last? *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(3), 427-440.

- Jennions, M. D. & Petries, M. (1997) Variation in mate choice and mating preferences: a review of causes and consequences. *Biological Reviews of the Cambridge Philosophical Society*, 72(2), 283-327.
- Johnson, S. L., Leedom, L. J., & Muhtadie, L. (2012). The dominance behavioral system and psychopathology: evidence from self-report, observational, and biological studies. *Psychological Bulletin*, 138, 692-743.
- Johnston, V. S., Hagel, R., Franklin, M., Fink, B., & Grammer, K. (2001). Male facial attractiveness: Evidence of hormone-mediated adaptive design. *Evolution & Human Behavior*, 22, 251–267.
- Jonasson, P. K. & Ferrel, J. D. (2016). Looking under the hood: The psychogenic motivational foundations of the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 94, 324-331.
- Jonasson, P. K., Girgis, M. & Milne-Home, J. (2017). The Exploitive Mating Strategy of the Dark Triad Traits: Tests of Rape-Enabling Attitudes. *Archives of Sexual Behavior*, 46(3), 697-706.
- Jonasson, P. K., Li, N. P., Webster, G. D., & Schmitt, D. P. (2009) The Dark Triad: Facilitating a Short-Term Mating Strategy in Men. *European Journal of Personality*, 23, 5-18.
- Jonasson, P. K., Wee, S. & Lee, M. P. (2015) Competition, autonomy and prestige: mechanisms through which dark triad predict job satisfaction. *Personality and Individual Differences*, 72, 112-116.
- Jonasson, P. K., Lyons, M. & Blanchard, A. (2015) Birds of a “bad” feather flock together: the dark triad traits and mate choice. *Personality and Individual Differences*, 78, 34-38.
- Jonasson, P. K. & Schmitt, D. P. (2012) What have you done for me lately? Friendship selection in the shadow of dark triad traits. *Evolutionary Psychology*, 10, 400-421.
- Jones, E. (1953). *Sigmund Freud: Life and Work*. London: Hogarth Press.
- Jones, O. D. (1997). Evolutionary analysis in law: An introduction and application to child abuse. *North Carolina Law Review*, 75, 1117–1242.
- Judge, T. A., Bono, J. E., Remus, I., & Gerhardt, M. W. (2002). Personality and leadership: a qualitative and quantitative review. *Journal of Applied Psychology*, 87, 765-780.
- Little, A.C., DeBruine, L.M., & Jones, B.C. (2013). Environment contingent preferences: exposure to visual cues of direct male–male competition and wealth increase women's preferences for masculinity in male faces. *Evolution and Human Behavior*, 34(3), 193-200.
- Little, A. C., Jones, B. C., Penton-Voak, I. S., Burt, D. M., & Perrett, D. I. (2002). Partnership status and the temporal context of relationships influence human female preferences for sexual dimorphism in male face shape. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, 269, 1095–1100
- Kaplan, H. (1996) A theory of fertility and parental investment in traditional and modern human societies. *Yearbook of Physical Anthropology*, 39, 91-135.

- Kim, K. (2014) Who Lives Longer and Healthier? The Role of Personality, Facial Attractiveness, and Intelligence. *Korean Journal of Sociology*, 48(6), 1-30.
- Koh, J. B., & Wong, J. S. (2015) Survival of the Fittest and the Sexiest: Evolutionary Origins of Adolescent Bullying. *Journal of Interpersonal Violence*. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(17),1-23.
- Karum, I., Hurnek-Knezvic, J., Schmitt, D., & Covic, M (2016) Assortative mating for Dark Triad: Evidence of positive, initial, and active assortment: Assortative mating for the Dark Triad. *Personal Relationships*, 24(1),75-83.
- Lee, R. B. (1988). *Reflections on primitive communism*. Oxford: Berg.
- Li, N. P. (2007) Mate Preference Necessities in Long and Short-Term Mating: People Prioritize in Themselves What Their Mates Prioritize in Them. *Acta Psychologica Sinica*, 39(3), 528-535.
- Li, N. P., Valentine, K. A., & Patel, L. (2011). Mate preferences in the US and Singapore: A cross-cultural test of the mate preference priority model. *Personality and Individual Differences*, 50, 291–294
- Lilienfeld, S. O., Waldman, I. D., Landfield, K., Watts, A. L., Rubenzer, S., & Faschingbauer, T. R. (2012). Fearless dominance and the U.S. presidency: implications of psychopathic personality traits for successful and unsuccessful political leadership. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103(3), 489-505.
- Lukaszewski, A. & Roney, J. R. (2010). Kind toward whom? Mate preferences for personality traits are target specific. *Evolution & Human Behavior*, 31(1), 29-38.
- Lukaszewski, A., Simmons, Z. L., Anderson, C. & Roney, J. (2015). The role of physical formidability in human social status allocation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 110(3), 385-406.
- Maisey, D. S., Vale, E. L. E., Cornelissen, P., & Tovée, M. J. (1999) Characteristics of male attractiveness for women. *The Lancet*, 353(9163), 1500.
- Maner, J. K. & Case, C. R. (2010) The essential tension between leadership and power: when leaders sacrifice group goals for the sake of self-interest. *Journal of Personality and Social Psychology*, 99(3), 482-497.
- Maner, J. K. & Case, C. R. (2016) Dominance and prestige: dual strategies for navigating social hierarchies. *Advances in experimental social psychology*, 54, 129-180.
- Maner, J. K., DeWall, DeWall, M., & Galliot, M. T. (2008). Selective attention to signs of success: social dominance and early stage interpersonal perception. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 34(4), 488-501.
- McIntyre, M., Gangestad, S. W., Gray, P. B., Chapman, J. F., Burnham, T. C., O'Rourke, M. T., et al. (2006). Romantic involvement often reduces men's testosterone levels—But not always: The moderating role of extrapair sexual interest. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 642–651

- Mckibbin, W. F. & Schackelford, T. K. (2011). Women's Avoidance of Rape. *Aggression and Violent Behavior, 16*(5), 2-31.
- Mealey, L. (1995). The sociobiology of sociopathy: an integrated evolutionary model. *Behavioral and Brain Sciences, 18*, 523–599.
- Mehta, P. H. & Josephs, R. A. (2010). Testosterone and cortisol jointly regulate dominance: Evidence for a dual-hormone hypothesis. *Hormones and Behavior, 58*, 898-906.
- Palcios, D. & Berger, C. What is popular? Distinguishing bullying and aggression as status correlates within specific peer normative contexts. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 29*(10), 2-9.
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality:narcissism, machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality, 36*,556–563.
- Perilloux, C, Duntely, J. C., & Buss, D. M. (2012). The costs of rape. *Archives of Sexual Behavior, 41*, 1099-1106.
- Perrett, D. I., Lee, K., Penton-Voak, I. S., Rowland, D., Yoshikawa, S., Burt, M., et al. (1998). Effects of sexualdimorphism on facial attractiveness. *Nature, 394*,884–887
- Pinker, S. (2002). *The blank slate: the modern denial of human nature*. London: Penguin Books.
- Polderman, T. J., Benyamin, T., De Leeuw, C. A., Sullivan, P. F., von Bochoven, A., Visscher, P. M., & Posthuma, D. (2015). Meta-analysis of the heritability of human traits based on fifty years of twin studies. *Nature Genetics, 47*(7), 702-709.
- Pope, H.G., Gruber, A.J., Mangweth, B., Bureau, B., deCol, C., Jouvent, R., & Hudson J. I. (2000). Body image perception among men in three countries. *American Journal of Psychiatry, 157*,1297–1301.
- Provost, M. P., Kormos, C., Kosakoski, G., & Quinsey, V. L. (2006). Sociosexuality in women and preference for facial masculinization and somatotype in men. *Archives of Sexual Behavior, 35*, 305–312.
- Puts, D. A. (2005). Mating context and menstrual phase affect women's preferences for male voice pitch. *Evolution and Human Behavior, 26*, 388–397.
- Puts, D. A., Hodges, C. R., Cárdenas, R. A., Gaulin, S. J. C. (2007). Men's voices as dominance signals: vocal fundamental and formant frequencies influence dominance attributions among men. *Evolution & Human Behavior, 28*, 340-344.
- Puts, D. A., Jones, D. C., & DeBruine, L. M. (2012). Sexual selection of human faces and voices. *Journal of sex research, 49*(2-3), 227-243.
- Rantala, M. J., Coetzee, V., Moore, F. R., Skrinda, I., Kecko, S., Krama, T., Kivleniece, I., & Krams, I. (2012). Adiposity, compared with masculinity, serves as a more valid cue to immunocompetence in human mate choice. *Proceedings of the Royal Society, 280*(1751). Disponível em: 10.1098/rspb.2012.2495.

- Raskin, R., & Terry, H. (1988). A principle-components analysis of the Narcissistic Personality Inventory and further evidence of its construct validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 890–902.
- Rhodes, G., Jeffery, L., Watson T.L., Clifford C. W. G., Nakayama K. 2003. Fitting the mind to the world: face adaptation and attractiveness aftereffects. *Psychological Science*, 14, 558–66.
- Rodrigues, D., & Lopes, D. (2016). Sociosexuality, commitment, and sexual desire for an attractive person. *Archives of Sexual Behavior*. Disponível em: doi:10.1007/s10508-016-0814-3
- Rosch, E., & Mervis, G. B. (1975). Family resemblances: studies in the intenal structure of categories. *Cognitive Psychology*, 7, 573-605.
- Saad (2007) *The evolutionary basis of consumption*. Hove: Psychology Press.
- Sadalla, E. K., Kenrich, D. T., & Vershure, B. (1987). Dominance and heterossexual attraction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(4), 730-738.
- Sapolsky, R., & J. Else (1987). Bovine tuberculosis in a wild baboon population: Epidemiological aspects. *Journal of Medical Primatology*, 16, 229–35.
- Saxton, T. K., Mackey L. L., MaCarty, K. & Neave, N. (2016). A lover or a fighter? Opposing sexual selection pressures on men’s vocal pitch and facial hair. *Behavioral Ecology*, 27(2), 517-519.
- Sell, A., Cosmides, L., Tooby, J., Sznycer, D., von Rueden, C., & Gurven, M. (2009). Human adaptations for the visual assessmentof strength and fighting ability from the body and face. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, 285, 275-584.
- Semenya, S. W., & Honey, P. L. (2015). Dominance style mediate sex diferences in dark triad traits. *Personality and Individual Differences*, 83, 37-43.
- Schackelford, T. K. & Larsen, R. J. (1999). Facial attractiveness and physical health. *Evolution & Human Behavior*, 20(1), 71-76.
- Schackelford, T. K., Schmitt, D. P., & Buss, D. M. (2005). Universal dimensions of human mate preferences. *Personality and Individual Differences*, 39(2), 447-458.
- Schwarz, S. & Hassebrauck, M. (2012). Sex and age diferences in mate selection preferences. *Human Nature*, 23(4), 447-466.
- Shostak, M. (1981) *Nisa: the life and work of a !kung woman*. Cambridge: Harvard University Press.
- Singh, D. (2004). Mating strategies of young women: role of physical attractiveness. *The Journal of Sex Research*, 41(1), 43-54.

- Singh, D., Dixson, B. J., Jessop, T. S., Morgan, B. J. & Dixson, A. (2010) Cross-cultural consensus for waist-hip ratio and women's attractiveness. *Evolution & Human Behavior*, 31(3), 176-181.
- Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1991). Individual differences in sociosexuality: evidence for convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(6), 870-883.
- Simpson, J. A. & Gangestad, S. W. (1992) Sociosexuality and romantic partner choice. *Journal of Personality*, 60, 31-51.
- Smeets-Jansen, M. M., Roelofs, K., van Pelt, J., Spinhoven, P., Zitman, F. G., Penninx, B. W. & Gilltay, E. J. (2015). Salivary testosterone is consistently and positively associated with extraversion: results from the netherlands study of depression and anxiety. *Neuropsychobiology*, 71(2), 76-84.
- Smith, E. A., Borgerhoff Mulder, M. & Hill, K. (2001). Human rape – adaptive or not? *Trends in Ecology & Evolution*, 16(9), 489.
- Snyder, J. K., Kirkpatrick, L. A., & Barret, H. C. (2008). The dominance dilemma: do women really prefer dominant mates? *Personal Relationships*, 15(4), 425-444.
- Spurk, D., Keller, A. & Hirschi, A. (2015). Do bad guys get ahead or fall behind? relationships of the dark triad of personality with objective and subjective career success. *Social Psychological and Personality Science*, 2, 1-9.
- Stulp, G. & Barrett, L. (2014) Evolutionary perspectives on human height variation. *Biological Review*, 91(1), 206-234.
- Stulp, G., Buunk, A. P., Verhulst, S. & Pollet, T. V. (2015). Human height is positively related to interpersonal dominance in dyadic interactions. *Plos One*, 10(2). Disponível em: 10.1371/journal.pone.0117860.
- Suschinsky, K. D., & Lalumiére, M. L. (2011). Prepared for anything?: an investigation of female genital arousal in response to rape cues. *Psychological Science*, 22(2), 159-165.
- Thornhill, R., & Palmer, C. T. (2000). *A natural history of rape: biological bases of sexual coercion*. Cambridge: MIT Press.
- Thornhill, R., & Gangestad, S. W. (2008). *The evolutionary biology of human female sexuality*. Oxford: Oxford University Press.
- Tidwell, N. D., Eastwick, P. W., & Finkel, E. J. (2013). Perceived, not actual, similarity predicts initial attraction in a live romantic context: Evidence from the speed-dating paradigm. *Personal Relationships*, 20, 199-215.
- Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. Em Campbell, *Sexual Selection and the Descent of Man, 1871-1971* (136-179). Chicago: Aldine.

- Vacharkulksemsuk, V., Reit, E., Khambatta, P., Eastwick, P. W., Finkel, E. J., & Carney, D. R. (2016). Dominant, open nonverbal displays are attractive at zero-acquaintance. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, *113*, 4009-4014.
- Vallaintcourt, T., & Hymmel, S. (2006). Aggression and social status: the moderating role of sex and peer-valued characteristics. *Aggressive Behavior*, *32*(4), 396-408.
- Volk, A. A., Dane, A. V., Zopito, A. M. & Vaillancourt, T. (2015). Adolescent bullying, mating & dating: testing na evolutionary hypothesis. *Evolutionary Psychology*, *13*(4), 1-11.
- von Rueden, C., & van Vugt, M., (2015) Leadership in small-scale societies: some implications for theory, research, and practice, *The Leadership Quarterly*, *26*(6), 978-990.
- Watkins, C. D., Fraccaro, P. J., Smith, F. G., Vukovic, J., Feinberg, D. R., DeBruine, L. M., et al. (2010). Taller men are less sensitive to cues of dominance in other men. *Behavioral Ecology*, *21*, 943–947.
- Watkins, C. D., Jones, B. C., & DeBruine, L. M. (2010). Individual differences in dominance perception: dominant men are less sensitive to facial cues of male dominance. *Personality and Individual Differences*, *49*, 967–971.
- Whitting, B., & Edwards, C. P. (1973). A cross-cultural analysis of children behavior aged 3 through 11. *The Journal of Social Psychology*, *91*, 171-188.
- Wu, K., Chen, C., Moyzis, R. K., Greenberger, E., & Yu, Z. (2016). Gender interacts with opioid receptor polymorphism A118G and serotonin receptor polymorphism -1438 A/G on speed-dating success. *Human Nature*, *27*(3), 244-260.
- Lyons, M., & Blanchard, A. (2016). “I could see, in the depth of his eyes, my own beauty reflected”: Women's assortative preference for narcissistic, but not for machiavellian or psychopathic male faces. *Personality and Individual Differences*, *97*, 40-44.

ANEXOS

Anexo A) Cenário de Dominância Personalizada sem Pró-Socialidade

O Estevão é um jovem que vive em Lisboa. Descreve-se como “impulsivo” e que gosta de “viver no agora”. Gosta de atividades como ir a muitas festas, beber muito álcool e conduzir a altas velocidades. No trabalho, o Estevão gosta de produzir de forma rápida sem se preocupar com eventuais falhas nos produtos/serviços e nos últimos 2 anos trocou de trabalho 4 vezes porque “não gosta de monotonia”. O Estevão diz ser competitivo e muito motivado pelo poder, e gosta de tentar ter posições de chefia quando está a trabalhar, ou de ser visto como o líder numa situação social. Para isso, o Estevão é muito teimoso quando quer ter razão nalguma discussão ou convencer os outros a fazerem a sua vontade, e faz troça dos pontos de vista opostos. Se as coisas não estiverem a ser feitas como quer, chega mesmo a levantar o tom de voz e a fazer ameaças. O Estevão diz sempre tudo aquilo que pensa, sem se preocupar muito se ofende alguém no processo. No entanto, por vezes inibe-se de dizer algumas verdades se acha que será benéfico a longo termo. Diz também saber ser persuasivo e charmoso quando considera oportuno por se considerar “bom falante”.

O Estevão não tem relações de amizade de grande intimidade. Escolhe as amizades com base naquilo que lhe podem oferecer, como ter acesso a festas, ou que o defendam de pessoas que não gostem da sua maneira de estar. Quando está num grupo, domina as conversas, tende a falar alto e por cima dos outros, toca mais nos outros, tem uma postura bastante direita e senta-se de pernas abertas e a ocupar bastante espaço com o corpo. Por sua vez, os seus amigos nunca o interrompem quando está a falar, escutam-no atentamente e quando se dirigem a ele fazem-no com pouco contacto visual. No entanto, por vezes o Estevão gera conflitos com algumas pessoas, o que faz com que ele ou os outros tenham de se afastar do grupo. Por essa razão, o Estevão não gosta de ter um grupo de amigos definido e exclusivo, saltando sempre de grupo em grupo.

Anexo B) Dominância Socializada sem Pró-Socialidade

O Estevão é um jovem que vive em Lisboa. Descreve-se como “extrovertido” e que “gosta de viver no agora”. Gosta de atividades como ir a várias festas, embora raramente beba muito álcool ou conduza a altas velocidades. No trabalho, o Estevão gosta de produzir rapidamente, mas sempre preocupado em ser perfeccionista com o que faz, e apesar de não gostar da monotonia a que o trabalho por vezes leva não troca de emprego pois “quer construir uma carreira e é preciso pensar a longo prazo”. O Estevão diz ser competitivo e muito motivado por projetos e objetivos e, por isso, procura ter posições de chefia no seu trabalho ou a assumir-se como líder em situações sociais para que possa orientar o grupo a alcançar um objetivo em comum. Para isso, o Estevão é muito persuasivo e charmoso quando quer ter razão nalguma discussão ou convencer os outros a fazerem a sua vontade, e ouve sempre os pontos de vista opostos tentando procurar um equilíbrio. Se as coisas não estiverem a ser feitas como quer, tenta esforçar-se mais para promover os seus pontos de vista e ser um pouco mais assertivo embora sempre de forma respeitosa. O Estevão diz sempre tudo aquilo que pensa, mas tenta fazê-lo de maneira a não ofender ninguém. No entanto, algumas vezes diz verdades dolorosas sem se preocupar se é ofensivo por considerar que há situações que requerem “mão forte.” O Estevão tem relações de amizade de grande intimidade com diversas pessoas. Dá-se com quase toda a gente e escolhe as amizades com base nos valores que partilha com os outros. Quando está num grupo domina as conversas, sorri bastante, tende a falar alto, toca mais nos outros, tem uma postura bastante direita e senta-se de pernas abertas e a ocupar algum espaço com o corpo. Por sua vez, os seus amigos escutam-no com vontade, raramente o interrompem e quando se dirigem a ele fazem-no com muito contacto visual e com um sorriso. Por vezes, o Estevão gera conflitos com algumas pessoas, mas tende sempre a conseguir resolvê-los. Por esta razão, o Estevão gosta de ter apenas 2 ou 3 grupos de amigos definidos com o qual normalmente se dá, e raramente socializa com outros grupos.

Anexo C) Dominância Personalizada com Pró-Socialidade

O Estevão é um jovem que vive em Lisboa. Descreve-se como “impulsivo” e que gosta de “viver no agora”. Gosta de atividades como ir a muitas festas, beber muito álcool e conduzir a altas velocidades. No trabalho, o Estevão gosta de produzir de forma rápida sem se preocupar com eventuais falhas nos produtos/serviços e nos últimos 2 anos trocou de trabalho 4 vezes porque “não gosta de monotonia”. O Estevão diz ser competitivo e muito motivado pelo poder, e gosta de tentar ter posições de chefia quando está a trabalhar, ou de ser visto como o líder numa situação social. Para isso, o Estevão é muito teimoso quando quer ter razão nalguma discussão ou convencer os outros a fazerem a sua vontade, e faz troça dos pontos de vista opostos. Se as coisas não estiverem a ser feitas como quer, chega mesmo a levantar o tom de voz e a fazer ameaças. O Estevão diz sempre tudo aquilo que pensa, sem se preocupar muito se ofende alguém no processo. No entanto, por vezes inibe-se de dizer algumas verdades se acha que será benéfico a longo termo. Diz também saber ser persuasivo e charmoso quando considera oportuno por se considerar “bom falante”.

O Estevão não tem relações de amizade de grande intimidade. Escolhe as amizades com base naquilo que lhe podem oferecer, como ter acesso a festas, ou que o defendam de pessoas que não gostem da sua maneira de estar. Quando está num grupo, domina as conversas, tende a falar alto e por cima dos outros, toca mais nos outros, tem uma postura bastante direita e senta-se de pernas abertas e a ocupar bastante espaço com o corpo. Por sua vez, os seus amigos nunca o interrompem quando está a falar, escutam-no atentamente e quando se dirigem a ele fazem-no com pouco contacto visual. No entanto, por vezes o Estevão gera conflitos com algumas pessoas, o que faz com que ele ou os outros tenham de se afastar do grupo. Por essa razão, o Estevão não gosta de ter um grupo de amigos definido e exclusivo, saltando sempre de grupo em grupo.

Imagine agora que na vida real conhece Estevão, que lhe foi apresentado numa ocasião passada por amigos em comum. Já esteve com ele algumas vezes e o comportamento do Estevão para consigo não é o mesmo para com outras pessoas. Apesar de nunca terem falado muito sempre tiveram conversas agradáveis.

Certo dia enquanto caminhava sozinha na rua decide passar para o outro lado da estrada, sem passar na passadeira. Um carro, do qual não se tinha apercebido que se estava a aproximar, efetua uma travagem brusca para evitar embater em si. Isto causa um acidente, já que o carro que circulava imediatamente atrás não teve tempo para reagir à travagem brusca e embateu no outro carro. A polícia, que se encontrava próximo do local, decide multá-la em cerca de 600 euros. Uns dias mais tarde é contactada por Estevão. Este diz-lhe que ouviu da sua peripécia por intermédio de amigos e oferece-se para pagar a multa, sendo que nem sequer tem de lhe

pagar nada de volta. Estevão justifica-se dizendo “apesar de não nos conhecermos bem, gostaria de te ajudar”.

Anexo D) Dominância Socializada com Pró-Socialidade

O Estevão é um jovem que vive em Lisboa. Descreve-se como “extrovertido” e que “gosta de viver no agora”. Gosta de atividades como ir a várias festas, embora raramente beba muito álcool ou conduza a altas velocidades. No trabalho, o Estevão gosta de produzir rapidamente, mas sempre preocupado em ser perfeccionista com o que faz, e apesar de não gostar da monotonia a que o trabalho por vezes leva não troca de emprego pois “quer construir uma carreira e é preciso pensar a longo prazo”. O Estevão diz ser competitivo e muito motivado por projetos e objetivos e, por isso, procura ter posições de chefia no seu trabalho ou a assumir-se como líder em situações sociais para que possa orientar o grupo a alcançar um objetivo em comum. Para isso, o Estevão é muito persuasivo e charmoso quando ter razão nalguma discussão ou convencer os outros a fazerem a sua vontade, e ouve sempre os pontos de vista opostos tentando procurar um equilíbrio. Se as coisas não estiverem a ser feitas como quer, tenta esforçar-se mais para promover os seus pontos de vista e ser um pouco mais assertivo embora sempre de forma respeitosa. O Estevão diz sempre tudo aquilo que pensa, mas tenta fazê-lo de maneira a não ofender ninguém. No entanto, algumas vezes diz verdades dolorosas sem se preocupar se é ofensivo por considerar que há situações que requerem “mão forte.”

O Estevão tem relações de amizade de grande intimidade com diversas pessoas. Dá-se com quase toda a gente e escolhe as amizades com base nos valores que partilha com os outros. Quando está num grupo domina as conversas, sorri bastante, tende a falar alto, toca mais nos outros, tem uma postura bastante direita e senta-se de pernas abertas e a ocupar algum espaço com o corpo. Por sua vez, os seus amigos escutam-no com vontade, raramente o interrompem e quando se dirigem a ele fazem-no com muito contacto visual e com um sorriso. Por vezes, o Estevão gera conflitos com algumas pessoas, mas tende sempre a conseguir resolvê-los. Por esta razão, o Estevão gosta de ter apenas 2 ou 3 grupos de amigos definidos com o qual normalmente se dá, e raramente socializa com outros grupos.

Imagine agora que na vida real conhece Estevão, que lhe foi apresentado numa ocasião passada por amigos em comum. Já esteve com ele algumas vezes e o comportamento do Estevão para consigo não é o mesmo para com outras pessoas. Apesar de nunca terem falado muito sempre tiveram conversas agradáveis.

Certo dia enquanto caminhava sozinha na rua decide passar para o outro lado da estrada, sem

O Efeito da Dominância e da Pró-Socialidade na Atratividade

passar na passadeira. Um carro, do qual não se tinha apercebido que se estava a aproximar, efetua uma travagem brusca para evitar embater em si. Isto causa um acidente, já que o carro que circulava imediatamente atrás não teve tempo para reagir à travagem brusca e embateu no outro carro. A polícia, que se encontrava próximo do local, decide multá-la em cerca de 600 euros. Uns dias mais tarde é contactada por Estevão. Este diz-lhe que ouviu da sua peripécia por intermédio de amigos e oferece-se para pagar a multa, sendo que nem sequer tem de lhe pagar nada de volta. Estevão justifica-se dizendo “apesar de não nos conhecermos bem, gostaria de te ajudar”.